

2.ª SÉRIE

N.º 901

Ilustração Portuguesa

26  
Maio  
1923

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»  
Redação, administração, e officina:  
RUA DO SECULO, 40 — LISBOA

Numero avulso. 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL  
DE TIPOGRAFIA

Editor.—ANTONIO MARIA LOPEZ

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-  
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00  
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:  
Semestre 28\$50. Ano 57\$00. — ESTRAN-  
GERO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.



As pessoas que visitam Londres encon-  
tram no Hotel Cecil justamente o que es-  
peram encontrar de um dos hotéis de maior  
fama do mundo: Todos os confortos e co-  
sinha esmerada. Serviço feito sem ruída e  
sem incomodos. Distinção e alegria.

O Hotel Cecil está magnificamente si-  
tuado exactamente no centro de Londres,  
frente ao rio Tamisa, bem collocado, por  
consequencia, quer para tratar de negocios  
quer para divertimentos. Tem grandes sa-  
lões de jantar, *grill rooms*, salões aparen-  
temente completos emfim, todas as com-  
didades previstas e necessarias em um  
hotel moderno.

## HOTEL CECIL

LONDON

## Bebam Agua DE S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

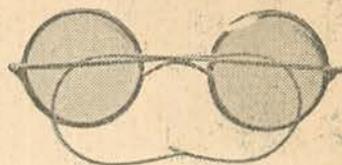
Secção Editorial de "O Seculo,"

Enciclopedia Popular Illustrada Porque, como e para que

Coleção de romances illustrados

A' venda nos logares do costume

Pedidos á administração de O SECULO



Em todos os generos e caixas  
de ensaios para medicos.

Vendas por junto, João de Sá,  
Lt.ª, Rua da Assunção, 25, 1.ª —  
LISBOA.

**Damião & C.ª**  
Especialidade em fatos, vestidos  
e chapéus para crianças  
**57, R. GARRETT, 59**  
LISBOA  
Telefone 2940

**Agua da Fonte Santa**  
DE  
**Monfortinho**

São as mais gazo-azotadas, oxigé-  
nadas naturais, fortemente radio-acti-  
vas, silicatas e síliciosas, duresitas,  
purissimas e deliciosas, como aguas  
de mesa.

DEPOSITO GERAL  
**Funchália**  
VIEIRA & LOPES, L.ª  
Largo Calhariz, 5 e 6  
Telefone 1242 C.



Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

**Atafataria CENTRO DA MODA**  
PARA HOMENS E SENHORAS  
Completo sortimento de fazendas na-  
cionais e estrangeiras, o que ha de  
mais chic.  
TAMBEM SE FAZEM FATOS A FEITIO  
**Manuel P. Ferreira**  
RUA AUGUSTA, 141, 4.ª

TRABALHOS TIPOGRAFICOS  
—EM TODOS OS GENEROS—

Fazem-se nas officinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA  
Rua do Seculo, 49 — LISBOA



Um assalto, no primeiro dia da Semana d'Armas

## TODOS OS "SPORTS"

Já no passado numero da *Ilustração Portuguesa* nos referimos ao magnifico *team* tcheco-slovaco que, ha pouco, jogou entre nós.

No seu ultimo desafio, encontrou-se o *Nuselsky*, de Praga, com o Sporting Club de Portugal, actual campeão de Lisboa.

O resultado deste encontro foi um empate por 3 bolas. A primeira parte findou com o resultado 1-1, sendo o Sporting o primeiro grupo a marcar, por intermedio de João Francisco; a bola dos tchecos foi obtida pelo meia ponta esquerdo.

Durante o segundo tempo, ainda foram os portugueses os primeiros a marcar, derivando o *goal* duma fra-ca defeza do guarda-rede tcheco-slovaco que, enviando a bola, occasionou que esta batesse no corpo de Stropm e entrasse nas rédes.

O empate foi, pouco depois, restabelecido pelo avançado centro do *Nuselsky*. A terceira e ultima bola a favor do Sporting foi *shootada* por E. Ramos.

Faltava um minuto para acabar o encontro, quando o avançado centro do *Nuselsky* obteve a terceira bola a favor deste *club* que, assim, empatou com o campeão de Lisboa.

Este desafio foi um dos melhores, que o grupo tcheco-slovaco efectuou, tendo os dois adversarios jogado bem e empregando-se a fundo.

A arbitragem de Silvestre Rosmaninho foi imparcial.

— Os Belenenses venceram, no passado domingo, o Imperio, na disputa da meia final da *Taça Mutilados* da

Guerra. O jogo decorreu sem interesse, bastante prejudicado pelo *team* do Imperio. As trez bolas enfiadas pelos Belenenses foram, respectivamente, *shootadas* por Joaquim de Almeida, Alberto Rio e Manuel Veloso.

Os Belenenses ficaram, assim, apurados finalistas.

— A' data em que escrevemos prossegue a disputa das provas da Semana d'Armas Portuguesa, a que no proximo numero da *Ilustração Portuguesa* nos referiremos.

— Efectuou-se tambem, no passado domingo, organizado pelo Club Internacional de Foot-Ball, no seu campo das Laranjeiras, a prova *Domingo de estafetas*, que teve os seguintes resultados:

*Estafetas 5×60 (Juniors)* — 1.º C. I. F., 2.º S. C. P. e 3.º G. S. C. Q.

*Estafetas 4×100* — 1.º C. I. F., 2.º S. C. P., 3.º S. L. B. e 4.º G. S. C. Q.

*Estafetas 4×200* — 1.º C. I. F., 2.º S. C. P., 3.º S. L. B. e 4.º G. S. C. Q.

*Estafetas 4×400* — 1.º S. C. P., 2.º C. I. F. e 3.º G. S. C. Q.

*Estafeta Olimpica* — 1.º C. I. F., 2.º S. C. P., 3.º S. L. B. e 4.º G. S. C. Q.

*3:000 metros* — 1.º David Bernardes, do S. C. P.; 2.º Côrte Leal, do G. S. L. Q. e 3.º Ilidio Nogueira, do S. L. B.

*Lançamento de disco* — 1.º Antonio Penafiel e 2.º Henrique Vieira, ambos do C. I. F.

*Saltos em altura* — 1.º Julio Montalvão, do C. I. F. com 1<sup>m</sup>,60; 2.º Mario Montalvão, do S. L. B. com 1<sup>m</sup>,57 1/2.

D. C.



Os concorrentes à eliminatória (1.ª serie) do Campeonato de Juniors

(Clichés Salgado)

# Silva Poética

## DESEJO

Eu quero ter a luz e quero ter o amor,  
quero sentir em mim, cantando heroicamente,  
o gênio que traduz a fôrre do escultor  
e a ancia de criar da turgida semente.

Quero sentir num beijo a triunfal canção  
que inunda de harmonia o céu, a terra e o mar;  
quero trazer o sol, a arder, no coração,  
quero trazer a aurora, a rir, no meu olhar.

A vida para mim não é deserta e fria,  
que para um grande amor ha outro amor igual.  
Rasga-se o ventre á dôr e surge uma alegria,  
profunda-se a materia; ha uma idéa imortal.

Se um grande sofrimento é sempre o mais fecundo,  
por ser nele que se encontra a fonte inspiradora,  
acolha-se em meu peito a dôr de todo o mundo,  
para que seja heroica e seja creadora.

Quero que o pensamento agite as largas azas  
e vá pela amplidão sulcando sempre mais;  
quero sentir no olhar todo o calor das brazas,  
quero sentir na fronte as tuas mãos leais.

A vida não se fez para a lamúria tonta  
e não se fez o amor p'ra se sofrer calado.  
Aos teijos que se dão é bom perder a conta,  
porque o beijo de amor não deve ser contado.

Que o nosso grito seja sempre de victoria,  
que seja o nosso gesto sempre o de um afago:  
— grito que se transforme em cântico de gloriã,  
gesto que tenha a calma placidez de um lago.

O meu amor por ti, Senhora da Ternura,  
de tão grande que é, só o entendo assim:  
a começar num beijo cheio de doçura,  
para depois cantar, vibrar como um clarim.

Amor que é bem amor, bandeira que me guia,  
aurora que desponta em festivais clarões,  
verso que decorel e lembro cada dia,  
a ele resumindo as mín has orações.

Amor a que me dei, tão forte e tão suave  
que, sendo um valoroso e audaz batalhador,  
se curva e treme todo ante o teu corpo de ave  
e chora de desejo ante essa boca em flôr.

Mário SALGUEIRO.



# O Lar

## Menús da Semana

## A SECRETÁRIA DA MULHER



### Domingo

**Almoço**  
Bifes panados com esparregado  
Ovos amanteigados  
Chá e café

**Jantar**  
Sopa de lagosta  
Pastelão de carne  
Lingua estufada  
Pudim de maçã

### Segunda feira

**Almoço**  
Arroz de sustancia  
Sardinhas panadas  
Cacau

**Jantar**  
Sopa de feijão branco com repolho  
Lirios grelhados  
Carneiro assado acompanhado com favas d'inglês  
Salada de fructas

### Terça feira

**Almoço**  
Bacalhau e bacatas albardadas  
Omelete de rim  
Café e chá

**Jantar**  
Sopa de cenoura  
Pescada à la otable  
Carne de porco d'escocesa  
Pudim de coco

### Quarta feira

**Almoço**  
Pastéis de macarrão com salada d'agriões  
Gilot de carne  
Cacau

**Jantar**  
Sopa pobre  
Salada de camarão com arroz  
Pato assado com purê de feijão  
Soufflé de fruta

### Quinta feira

**Almoço**  
Arroz de mexilhão  
Ovos escalfados  
Chá e café

**Jantar**  
Sopa de purê de tomate  
Batatas recheadas  
Peixe frito com esparregado de alface  
Pudim gelado

### Sexta feira

**Almoço**  
Assorda de linguíça  
Salada de peixe  
Cacau

**Jantar**  
Sopa de ovos  
Amondogas de frango  
Frango de fricassé  
Doce de batata

Ha moveis reveladores e simpáticos. Os meus olhos buscam sempre, ao entrar num boudoir feminino, a estante de livros, a secretária e a meza de costura. Depois de observar esses moveis, tenho a impressão de que sou intima da sua possuidora, ainda mesmo que a esteja vendo pela primeira vez.

E' especialmente na secretária que a mulher revela com mais clareza as suas aptidões de trabalho. Uma secretária pratica é o espelho da mulher pratica. O metodo e o arranjo são qualidades essenciaes duma secretária pratica.

E contudo quantas mulheres de trabalho omitem esse detalhe tão agradável aos olhos de quem as emprega! Como é frequente deparar com mezas de empregadas cobertas de papeis,—folhas de maquina, papel quimico, folhas estragadas, cartas já escritas—uma confusão inextricavel.

E, não se deixem iludir pelas apparencias; se virem uma meza de trabalho muito bem ordenada, certifiquem-se se o metodo é real ou se a confusão passou apenas para as gavetas.

Ha gavetas terriveis, verdadeiras lojas de bric-à-brac: escovas, pentes, bolachas, cartas particulares e papeis de trabalho—tudo numa mistura horrivel.

A's secretárias particulares tambem acontece o mesmo. A mulher metódica e arranjada, a boa dona de casa, tem um lugar certo para cada coisa—as cartas estão divididas em dois grupos, respondidas e por responder; as contas igualmente, as satisfeitas e as por satisfazer. O papel de carta, os envelopes, o livro das moradas, o livro da despeza caseira, tudo tem o seu nicho especial onde a mão irá instinctivamente buscar o objecto preciso.

Uma secretária bem ordenada economisa dinheiro e tempo. Economisa tempo porque inumeros minutos são desperdiçados pela mulher desorganizada, procurando objectos transviados ou colo-

cados distraidamente sobre o primeiro movel encontrado no caminho.

Economisa dinheiro porque é frequente ser-se obrigado a satisfazer duas vezes a mesma conta ou a pagar uma quantia maior do que a devida, quando se perdem recibos ou se rasgam papeis sem os ler.

Ha uma terceira especie de mulher que é muito rara, mas que frequentemente possui um certo interesse e intelligencia; é a que, sob uma desordem aparente, tem um metodo real, mas só seu e que ninguém mais compreende; porém, em geral, essa mulher enferma dum defeito, tem o snobismo de não ser metódica e ordenada como as outras; quer distinguir-se delas, exagera e cae no ridiculo da eccentricidade.

Não, o caminho mais seguro é o já trilhado. Arranhemos, pois, as nossas secretárias de maneira que mostremos a todos que somos muito equilibradas, permitindo-nos apenas um pouco de originalidade na escolha dos apetrechos do nosso trabalho.

## UMA LEMBRANÇA DELICADA

Todos gostam de recordações, especialmente as mulheres. Uma das necessidades mais fortemente reveladas pelo caracter feminino é a sua sede de provas tangiveis de afeição ou recordação.

Se observarem uma mulher numa festa, numa viagem, verão que ela tem uma preocupação constante levar qualquer objecto de recordação ás pessoas amigas ausentes. E ao chegar junto delas, a sua frase será: «Vês, que me lembrei de ti». E mostra, orgulhosa, o que lhe trouxe, prova material e sensível da sua lembrança.

Seria, portanto, agradável que seguissemos todas o exemplo duma dona de casa que, todas as vezes que tem convidados, põe no uero duma meza uma malga bonita cheia de flores e á hora da despedida entrega a cada convidado um raminho delas, com os pés envoltos em papel prateado.

Ha sempre uma grande alegria da parte das presenteadas. Quantas vezes não realizará essa dadiva um desejo secreto!

## CALENDARIO DA SEMANA

### Maio — 31 dias

- 27 — Domingo — S. Eutropio.
- 28 — Segunda feira — S. Germano.
- 29 — Terça feira — Santo Maximo.
- 30 — Quarta feira — S. Fernando.
- 31 — Quinta feira — Santa Patronilla.

### Junho — 30 dias

- 1 — Sexta feira — S. Firmino.
- 2 — Sabado — S. Marcelino de Jesus.

### Sabado

**Almoço**  
Peixe de escabeche  
Salada russa  
Chá e café

**Jantar**  
Caldo branco  
Pastelão de peixe  
Carne de porco com grellos  
Doce de casca de laranjas

# Seara alheia

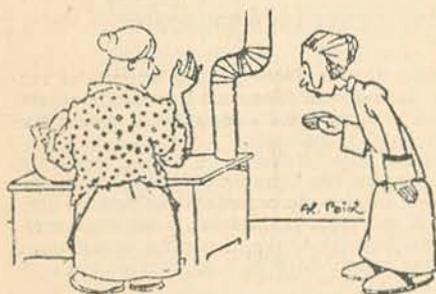


## Economia

—E desejo que se dê bem com a sua dentadura nova. Em todo o caso, recomendo-lhe que não esteja sempre a pô-la e a tirá-la...

—Ah! não senhora. Só a tiro, para comer.

(De Teller.)



## Valha-nos isso!...

—Então vocemecê está a meter os dedos na panela?!

—Não faz mal, minha senhora. O caldo não está quente...

(De Le Matin.)



## Resposta pronta

—E' preciso que tu te convenças de que não se faz nada sem dinheiro!

—Ah! Isso faz, papá: dividas...

(De L'Intransigeant.)



## A' porta do quarto de banho

—O hospede miupa—Coitado! Ha mais de uma hora nã, á espera...

(De London Opinion.)



## Comentario dum «entendido»

—O que eu não percebo é como se consente a intervenção constante d'aquelle maçador, a incomodar os boxeurs!...

(De Le Petit Parisien.)



## Grito d'alma!

—ELE—Se não me dizes que sim, dou um tiro nos miolos!

—ELA—Oh, não, não! Aqui não! Podes partir-me o espelho!

(De Numero.)

# "Espanha,"

O Ultimo  
Livro de

Antero de  
Figueiredo



Antero de Figueiredo  
(O mais recente retrato do escritor)

Depois de conquistar a  
celebridade em Portugal  
e Brasil com obras do  
vulto de D. Pedro e  
D. Inez e Leonor Teles;  
depois de se popularisar  
como novelista, em Doida

de amor e nos Contos,  
Antero de Figueiredo, que  
ainda ha pouco fez a apolo-  
gia do espiritualismo na Se-  
nhora do Amparo, vai  
agora ser lido, por certo, em  
toda a península ibérica

QUANDO um li-  
vro de Antero  
de Figueiredo  
é anunciado, podemos  
préviamente afirmar,  
com perfeita seguran-  
ça e jubiloso orgu-  
lho, que o nome do  
ilustre escritor rece-  
berá um acrescimo de  
gloria bem merecida e as letras uma nova contribuição  
do seu alto e inconfundível merito. O ourives-joalheiro  
da prosa portugueza, cujo caracter tão pessoal lhe mul-  
tiplica o valor, e que enfileira entre os mais egregios,  
pensou, escreveu, acepillou os capitulos de *Espanha*  
com aquela probidade quasi morbida, de escrupulosa  
que é, aquela fina acuidade de visão que penetra fundo  
no amago das almas e das coisas, aquela anciedade de  
atingir as culminancias da arte literaria e que consti-  
tuem alguns dos seus mais belos titulos á nossa admi-  
ração e ao nosso aplauso. Viajante apaixonado, que vê  
como poucos e como poucos sabe transmitir o que viu  
e sentiu, Antero de Figueiredo, que já nos encantára,  
sob este aspecto, nas *Recordações e viagens* e nas  
*Jornadas em Portugal*, excede-se no volume de *Espanha*,  
espalhando, a flux, nas suas 450 paginas, tesou-  
ros de observação, de interpretação e de expressão  
que ele, com um donaire, uma elegancia, uma nobreza  
e um poder plastico que é a inveja de muitos, nos pa-  
tenteia em paginas deliciosas que denominou «galegas,  
leonezas, asturianas, vasconças e navarras».

Depois de nos dizer como o seu criterio concebe o  
viajar, fala-nos da saudade e tambem da nossa terra  
vista da terra alheia. Eis o prefacio, a que se segue  
logo o estudo intitulado «Horas compostelanas», com a  
narrativa da chegada, as evocações, o episodio da pro-  
cissão da Virgem, a pintura do Portico da Gloria, e  
peregrinação ao Apostolo. Veem, após, os dois capítu-  
los da «Toja», a ilha da Morte e a ilha da Vida; o es-  
tudo das tres rias galegas (Vigo, Pontevedra e Arosa), a

e descrevendo costumes vasconços de um singular pi-  
toresco, corre atravez da Guipuzcoa, levia-nos a Pam-  
plona e depois a Roncesvales e são paizagens multiplas  
e variadas, telas historicas, quadros de costumes, aguas-  
fortes, simples aguarelas, retratos cheios de caracter,  
tudo atestando os dotes excepcionaes do colorista-psi-  
cologo, apetrechado, como os melhores, porque é um te-  
cnico e um erudito, para a realização de obras de tama-  
nho folego e virtuosismo tamanho. *Espanha* sugestiona,  
deleita, instrue, enleva e acaba por nos fazer, no post-  
fácio, filosofar com o eminente literato acerca de «o  
bom sabor dos regressos». Das formosuras do novo li-  
vro de Antero de Figueiredo seriam mesquinhos em  
relação a elas os louvores que tecessemos. Sendo um  
*vade-mecum* para viajarmos no paiz visinho, é sempre  
a obra de um fervoroso portuguez cujos olhos entene-  
cidos já mais se apartam da sua terra, porque a traz no  
coração e na memoria. Ele o escreveu: «Bem dita e lou-  
vada seja a terrinha de Portugal!»

Antero de Figueiredo possui um temperamento mu-  
lto dele. Haverá, por isso, quem não uniformise em tudo  
a maneira de sentir propria com a do grande escritor.  
Daqui alguma divergencia ou reserva criticas, que con-  
tribuem para mais se fixarem as atenções sobre *Espanha*,  
cuja publicação representa um acontecimento no  
mundo literario. A literatura nacional, que atravessa um  
notavel periodo, pelo que tem de activo, borbulhante e fe-  
cundo, acha-se em festa. A ela nos associamos de bom grado.

Pertence a edição de *Espanha*, muito cuidada, ás li-  
vriarias Aillaud e Bertrand.

PAGINA

MUSICAL

HINO ESPANHOL

The musical score is arranged in ten systems, each with a treble and bass clef. The piece begins with a piano introduction, marked *mf*. The organ part enters in the second system with a *cresc.* marking and *ff* dynamics. The piano part continues with *mf* and *ff* dynamics. The score includes various performance markings such as *mf*, *ff*, *cresc.*, *dim.*, and *Ped.*. A large orange watermark is visible across the center of the page.



**C**ONHECERA-A em condições bem romanescas, em uma viagem de repouso, que para um homem como ele, era mais uma excursão de estudo e observação.

Pintor que conquistara, em poucos anos, invejável e justificada, nomeada em Londres e New-York trabalhara tão intensamente, durante mezes e mezes a fio, que começara a sentir os primeiros sintomas da *surmenage* alarmante. F., a conselho dos medicos, abandonara o seu confortavel *atelier* da Quinta Avenida para se internar, só com uma bagagem sumaria, nas regiões acidantadas e pitorescas dos arredores do Grande Canyon. Como não podia passar sem a sua arte, levava blocos, tintas de aguarela e viajava obedecendo apenas á sua fantasia, detendo-se onde encontrava um horizonte tentador, uma casinha bem colocada na paisagem, um belo animal, ou um belo modelo humano, enriquecendo a memoria com visões preciosas e acumulando nos blocos anotações uteis.

Um dia, quando riscava nervosamente os contornos de um vale alcantilado, viu surgir na estrada, que serpenteava a seus pés, uma estranha caravana, uma longa serie de carriolas miseraveis, acompanhada por numeroso grupo de creaturas trigueiras e esbeltas.

Um bando de ciganos! Que bela surpresa para um pintor em busca de impressões.

O bando acampou a pequena distancia da povoação em que Luiz se alojara e, graças a alguns *dollars*, generosamente espalhados por aquelas mãos escuras e avidas, não tardou a conseguir que varias crianças, algumas mulheres e até mesmo homens da tribu, *posassem* para os seus estudos.

O chefe — «o rei» — como lhe chamavam os outros — um velho de aspecto imponente sob os farrapos em que se envolvia, passava horas inteiras a seu lado, vendo-o desenhar.

Foi num desses momentos que Luiz Burton conheceu Zorah.

A primeira impressão que teve dela foi a da sua voz, tão limpida e cristalina, que chegava a ser acariciante como o rumor da agua na floresta. Ergueu então a cabeça e viu uma mulher, que falava com o chefe.

Via-a de costas, mas a graça do seu corpo esbelto como uma palmeira e torneado como uma anfora de Coryntho, deteve-o enlevado. Depois, como se sentisse o peso daquello olhar, ela voltou-se e Luiz teve a visão de um rosto alongado e moreno, com os olhos muis luminosos deste mundo, uma boca de linha altiva, cabelos

negros e bastos... Mas os detalhes valiam pouco diante do encanto inexprimivel do conjunto.

Reproduzir na tela uma beleza assim absoluta! Perante essa idéa, essa ambição louca, Luiz sentiu a consciencia esmagadora da insuficiencia da arte humana diante da natureza.

Mas já o chefe, tendo notado a sua admiração, fazia um gesto á cigana para que ficasse ás ordens do artista. Este pagava tão bem os modelos que todos eram sollicitos em atender a suas preferencias.

Zorah deu alguns passos e deteve-se diante de Luiz com um sorriso um pouco timido, em desacordo com a desfaçatez habitual nas mulheres da sua raça; porém ele fitava-a e o seu laip hesitava, moroso e indeciso, sobre o cartão. A beleza incomparavel d'aquella creatura impressionava-o tão profundamente, que sentia paralisadas todas as suas faculdades de artista.

Depois, tudo se combinou para decidir o Destino. O velho chefe, em geral taciturno e reservado, começou com a sua voz monotona a falar sobre Zorah, explicando a sua situação da tribu. A «pobrezinha» — dizia ele — ficara orfã logo ao nascer. Então, no seu papel de chefe, tivera que adopta-la e acabara por querer-lhe tanto que ela era hoje «a menina dos seus olhos», estava tão presa a seu coração como se fosse de facto filha da sua carne.

O mais foi rapido. O amor penetrou no peito de Luiz Burton como uma força indomavel e Zorah, por sua vez, não tentou sequer disfarçar o enlevo que, desde o primeiro momento, a cativara. Foi com a dolencia humilde de escrava que ouviu as primeiras palavras de amor, balbuciadas pelo pintor tão timida e respeitosa, como se estivesse no mais sumptuoso salão de New-York.

Os povos primitivos têm a superstição das forças occultas, que governam os homens. O amor e o odio tudo justificam a seus olhos.

Entre Luiz e Zorah a paixão era tão evidente que ninguem pensou sequer em discutir a união, que se impunha. Luiz quiz levar a sua amada á povoação para que o casamento fosse feito regularmente, perante um sacerdote.

— Para que? — perguntou ingenuamente Zorah.

Tentou ele explicar-lhe o que havia de conveniente na legalização de um acto tão grave e ela parecia não compreender bem taes argumentos. Consentiu no matrimonio, assim, mas exigiu que, além disso fossem tambem casados pelo «rei», segundo os ritos tradicionais da tribu. E essa foi a cerimonia que a encheu de alegria e orgulho. Ao vel-a assim contente, Luiz sujeitou-se a um primeiro



capricho: Zorah queria vê-lo vestido como os da sua raça. Foi assim que ele compareceu perante o «rei» para a união do sangue. O chefe entregou a Zorah um pequeno punhal luzente e afiado. Ela, com uma sorriso magnífico, fez uma incisão rápida no ante braço e passou a arma a Luiz. Este imitou-lhe o gesto e o velho juntou os dois pequenos ferimentos, para que os sangues se confundissem...

A tribu prorompeu em aclamações e o «rei» impeliu a desposada para os braços daquele, que desde esse momento era «o seu senhor».

Os primeiros dias dessa união foram para o pintor um deslumbamento sem par. O amor de Zorah era ardente, capitoso e nada havia que se comparasse ao encanto de sua presença.

Mas passadas algumas semanas, Luiz sentiu o desejo de voltar á sua vida de civilizado, á nostalgia do ambiente que lhe era habitual e sobretudo á saudade da sua arte, do trabalho creador e soberbo, indispensavel á sua vocação, ao seu amor proprio. Porém, a esposa teve um olhar de assombro, quasi de indignação ás suas primeiras palavras. Por que partir? Por que voltar á existencia passada?... Para que trabalhar?...

— Não tinha ele ali tudo? Não tinha o seu amor?

Havia, nessa pergunta, orgulho inocente e desmedido. E Luiz sentia que o amor daquella creatura era de facto bastante grande e ardente para que ella se admirasse de restar ainda em seu coração e em sua alma lugar para algum desejo alheio ao seu carinho. Procurou, porém, convence-la. Não podia ficar eternamente com a tribu, vagando pelas estradas, vivendo sem privações, é certo, mas uma existencia miseravel, quasi vegetativa, sem ambições, sem um plano de futuro.

— Que podes querer mais, se ficas comigo — repetia

Zorah, com a compreensão invencível da sua alma selvagem.

— Sim, meu amor — dizia Luiz. — Tu és para mim toda a felicidade, toda a alegria deste mundo; mas, por isso mesmo, quero tirar-te deste meio humilde: quero que vivas como deve viver minha esposa. Cerca-da de conforto...

— Não temos sido felizes? — volvia ella a perguntar.

E começou, nesse dia, para ambos uma tortura tanto maior quanto era grande o amor que os unia. Ella ficou desde então inquieta, irritada, presa de um ciúme atroz, á idéa de que o seu amor não era bastante á ventura de Luiz e de que elle vivia suspirando pela existencia de outr'ora. E elle não se podia resignar a ficar para todo o sempre vivendo como um cigano e sentia-se ferido no seu orgulho de homem, á idéa de que não tinha o poder de arrancar Zorah da sua tribu. Exactamente entre os que se amam com paixão exaltada, esses desacordos tomam rapidamente proporções tragicas. Em breve os dois esposos tinham scenas terriveis e passavam dias inteiros separados, cheios de rancor.

Um dia, tocado por palavras que Zorah propositadamente tornava cruéis, Luiz teve um assomo de cole-

ra e impoz-lhe a alternativa. Ella partiria com elle, ou ficaria ali. Tinha que decidir até á madrugada seguinte. Zorah julgou que seria humilhante ceder. Elle, por sua vez, compreendeu que estaria perdido se não partisse. E seguiu pela estrada, só, mal contendo as lagrimas.

Que sofrimento o dos primeiros dias! A cada passo que o afastava de Zorah, Luiz sentia uma angustia quasi fisica. Era como se elle arrancassem, uma a uma, as fibras. Depois, a saudade cruciante tomou todas as formas. Como um alucinado, tinha a cada instante diante dos olhos a beleza da esposa, via-lhe o vulto gracil e fragil, ouvia-lhe o voz musical, sentia o perfume inconfundivel dos seus cabelos.

Mas, por isso mesmo que a amava tanto e que se julgava ferido nesse amor, continuou, teve a coragem feroz de proseguir nessa jornada, que punha entre elle e Zorah uma barreira inamovivel.

Mas quando alcânçou, afinal, a primeira povoação ligada ao mundo por uma via ferrea, quando se dispunha a tomar passagem e voltar á civilização, o seu coração fraquejou e, numa desolação imensa, o artista confessou a si mesmo que não podia prolongar por mais tempo aquelle esforço contra o proprio coração. Bem compreendia que ia em busca de torturas talvez maiores que as experimentadas até então. Voltar seria uma capitulação, talvez um erro, que teria de pagar com humilhações indiziveis. Mas que fazer? Fosse o que fosse o futuro... Não podia viver sem Zorah.

Caminhava talvez para um mal maior, vendo lucidamente ao que se expunha. Ella de certo não lhe perdoaria o ter partido; vê-lo regressar seria para Zorah uma victoria, que, diminuindo o seu prestigio de homem, tornaria ainda mais difficil que ella voltasse a ama-lo como antes... Mas que fazer? Via bem claro todas essas prespectivas horrendas, porém a verdade

maior, a que tudo domiva era esta: não podia deixar de voltar, para vê-la ao menos...

Comprou um cavallo e galopou loucamente pela estrada. Ao terceiro dia, detivera-se, numa curva, para dar algum descanso á montada, quando viu um vulto pequenino e agil, que se adiantava com passo tropego de fadiga. O seu coração reconheceu-a logo. E correram um para o outro, num grito de alegria delirante.

Ella tambem não resistira. Orgulho, rancor, habitos imemoriaes, preconceitos de raça, tudo desaparecera, varrido pelo impeto daquele amor, esmagado pela dureza da saudade. Abandonára os seus para ir em seguimento dele, resolvida a acompanhá-lo, fosse para onde fosse, e deixar-se levar como uma escrava, contanto que pudesse mais uma vez repousar a cabeça sobre o seu peito.

Fora arrastada pelo mesmo poder omnipotente que o fizera a elle voltar as costas ao seu ambiente natural, para retroceder em busca do bando miseravel e errante — esse poder supremo que liga para sempre, mais do que as formulas rituaes e as tradições da raça.

## Um tapete de Arraiolos



Modelo reconstituído segundo os tipos mais puros da tradicional tapeçaria alentejana. Cores muito harmonicas, rigorosamente características do estilo arraiolense. Confecção de Mlle. Sofia da Camara e Sousa.

(De Marion Dolor.)

## A Festa Escolar da Arvore



Pitresco trecho do Jardim Zoologico, onde se veem, brincando, algumas das creanças das escolas officiaes que tomaram parte na Festa da Arvore, ali realisada no domingo ultimo

## Exposição de rosas e cravos dos jardins municipaes



Com a presença do Chefe do Estado, reallsou-s- no dia 19 a Inauguração, no edificio da Camara Municipal de Lisboa, de uma Interessantissima exposição de flores, avolumando as rosas e os cravos dos quaes figuravam exemplares lindissimos. Cultivadas, essas flores, nos viviros e Jardins municipaes, ao respectivo Inspector tecnico, sr. Henry Nery, cabem os maiores elogios, não só pela organização do certamen como pela beleza e variedade dos exemplares apresentados

## Um chá de caridade



Em favor da benemerita obra das Creanças da Lapa reallsou-se, na mesma data no edificio da antiga Escola de Santa Helena, um chá dansante que decorreu animadissimo. A comissão organizadora da elegante festa era constituída pelas sr.<sup>as</sup>: (sentadas, da direita para a esquerda) D. Margarida Hintze Ribeiro, D. Maria M. Bandeira (Porto Covo e Bandeira), D. Ana Figueiredo e Faro, D. Lucia Infante de La Cerda, D. Maria Sommers e Pereira, D. Maria Tereza de Saldanha (Farrobo); de pé) D. Maria Eugenia Ottolini, D. Maria Manuela d'Orey, D. Maria Oliveira Soares, D. Maria Figueiredo Tavares Festas, D. Maria E. Corrêa de Barros e D. Maria Antonia Ottolini

# Portugal nas Exposições d'Arte Estrangeiras



DOIS NOVOS  
QUADROS:  
DE  
JOSÉ  
CAMPAS



De regresso de Italia, Holanda, Suíssa e Belgica, que percorreu em viagem de estudo, José Campas, pensionista do governo portuguez, acha-se actualmente em Paris, onde acaba de ser distinguido com um banquete a que presidiu o director da Escola de Belas Artes d'aquella cidade, A. Besnard, e assistiu, entre outros artistas celebres, o desenhador Forain, membro do Instituto de França.

São d'esse nosso patriota e illustre artista as duas magnificas telas cujas reproduções inserimos: *Retrato de Mme J. C.* (esposa do artista), que figura no actual Salon dos Artistas Francezes e ao qual a critica parisiense tem feito as mais lisongeiras referencias, e *A Buena-dicha*, que figura na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, onde, por sinal, já encontrou comprador.

Como se sabe, José Campas, antigo discipulo de Carlos Reis, teve, depois, tambem como mestres, em Paris, Jean Paul Laurens, Léon Bonnet, Ernest Laurent e Albert Besnard e é hoje, incontestavelmente, um nome feito, não só entre nós, como no estrangeiro.



# DUAS FESTAS ELEGANTES NO PORTO



Em benefício das Florinhas da Rua realçou-se, no dia 10, no teatro de S. João, do Porto, com a comedia de Gervasio Lobato *Sua Ex.*, uma recita e o que tem raiz brilhantemente parte o distrito dos amadores (d. esquerda para a direita): *sentados*, sr.<sup>as</sup> D. Mabyl Pottery, D. Maria Helena Castro Lopes, Condessa de Santar, sr. Jaime Chaves de Carvalho, sr.<sup>as</sup> D. Maria Adelaide Gama Sepulveda, D. Ilda Moutinho Machado Cruz e D. Ana Maria da Cunha Monizes Pinto Cardoso (Lumiara); *de pé*, srs. João Pinto, João C. d'Almeida Tavares da Costa (São Miguel), D. Luiz de Noronha, Vasco Quental da Ponte, Dr. Antonio da Camara Horta e Costa, Rui Machado da Cruz, Sebastião de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), Mario Duarte e Luiz Gama.

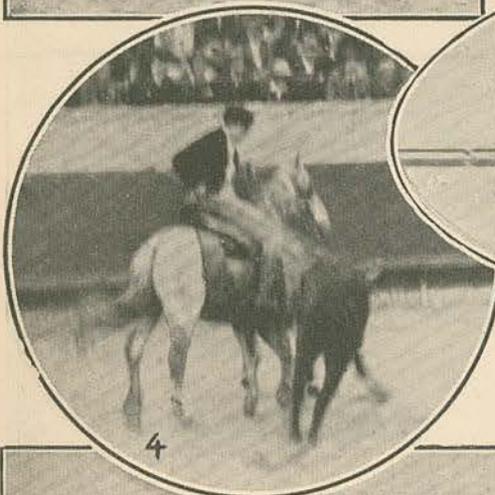


Assistencia á festa em honra da illustre professora sr.<sup>a</sup> D. Judite Lima, promovida por um grupo de seus alunos e alunas, ha dias, com grande brilhantismo, no salão nobre da Academia Mozart (Clichés André Moura.)

# A "TOURADA" DOS ESTUDANTES DE MEDICINA

Com grande concorrência, muita alegria e farios aplausos e ainda maior e mais farta exhibição de recursos... tauromaquicos por parte dos lidadores, realçou-se, no dia 17, na Praça d'Algés, a corrida anual dos estudantes de medicina, em favor do seu cofre de beneficência, corrida da qual melhor que as nossas melhores palavras darão idéa os seguintes clichês fotograficos:

1.º — Uma veronica pelo espada Pargana.



2. — «Sob o manto diáfano de tesura, a nudez forte do medo», grupo marmoreo por Mario Quina (ele) e Sousa Nazare (eia).  
 3. — Dois dos picadores da tarde: Anonio Cortez e Dias Costa.  
 4. — Uma vara por Dias Costa.  
 5.º — Uma pega por Azevedo Rua.



6.º — Grupo geral dos lidadores, composto pelos srs.: J. Pargana, A. Soeiro, A. Dias, A. Autunes, F. Taquimho, A. Cortez, D. Costa, M. Eento de Sousa, P. Vieira da Fonseca, E. Nobre, O. Cabrita, G. Valente, M. Quina, I. Pimentel, J. Louro, T. de Sampaio, N. Baleias, M. Tavares, F. Nunes, S. Costa, P. Prezado, D. Amado, D. Ferreira, A. Rua, C. Nunes, A. Drago, F. Levy, S. Nazare, S. Martins, S. Mata, B. Pereira, A. Gonçaves, S. Serra, P. dos Santos, V. Fernandes, F. da Costa, L. Monteiro, Ayala Boto, Madureira, Pires, D. Pimenta, E. Madeira, M. da Costa, Gambôa e M. Santos com os bandarilheiros L. Moreira e R. Tomé.  
 (Cliclê: Saigado.)

# Primeiro Congresso Ribatejano

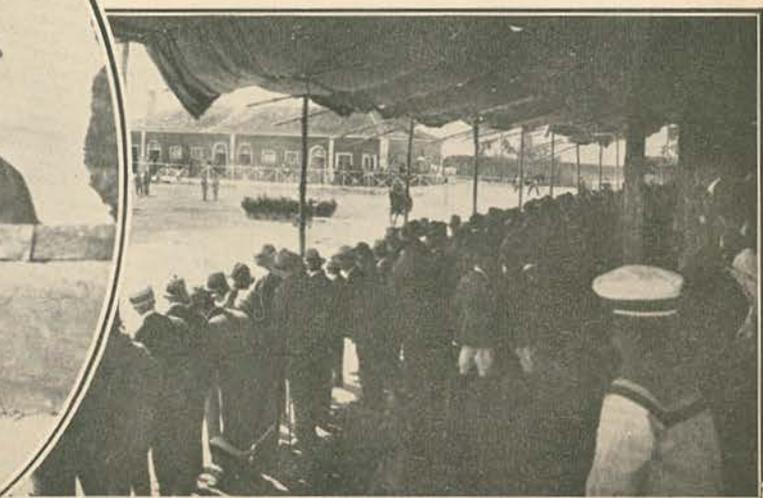
Com grande assistência de congressistas e em anfrão das festas, entre as quaes um concurso Hípico e uma tourada octurna, realisou-se do dia 18 ao dia 21, em Santarém, o 1.º Congresso Ribatejano, no qual importantes theses de interesse valioso regional foram discutidas.



*A presidência da sessão inaugural  
Um aspecto da assistência á referida sessão*

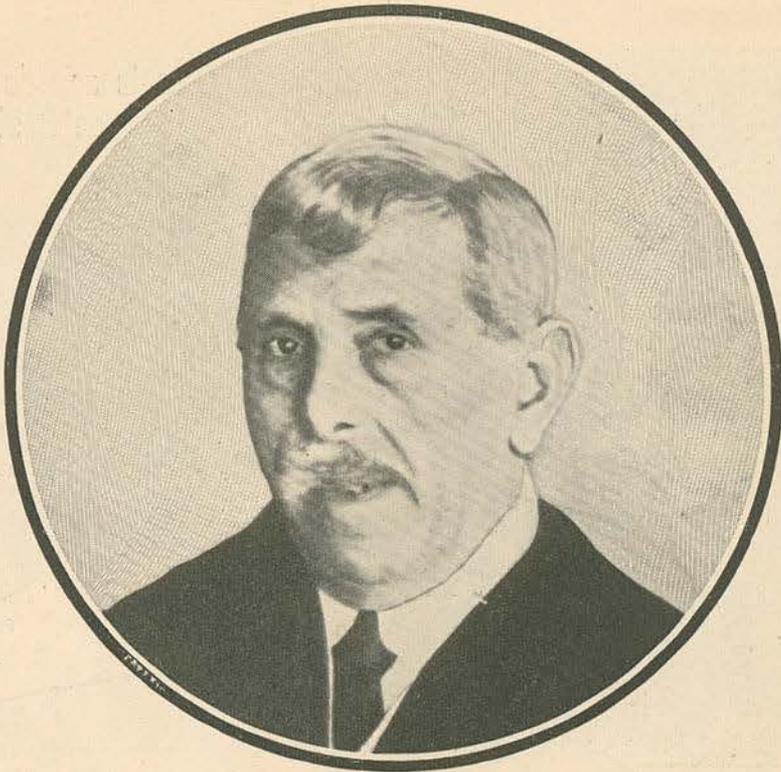


*(Clichés da gado.)*



*Um salto pelo sr. Luiz Margaride, vencedor da prova Ensaio, do 1.º dia do Concurso Hípico*

*Trecho da assistência ao Concurso Hípico*



## CONDE DE SABUGOSA

FALECIDO NA MADRUGADA DE 21 DO CORRENTE, O SR. CONDE DE SABUGOSA (ANTONIO MARIA JOSÉ DE MELO CESAR E MENEZES) ALÉM DE FIGURA DE GRANDE E JUSTIFICADO DESTAQUE NO EXTINGTO REGIMEN; FOI UM DOS MAIS BRILHANTES E ERUDITOS CULTORES DA NOSSA LINGUA. A ELÊ FICOU DEVENDO, A LITERATURA PORTUGUEZA UM PUNHA-DO DE OBRAS DE INDISCUTIVEL VALOR, TAES COMO «EM-BRECHADOS», «NEVES DE ANTANHO», «A RAINHA D. LEONOR», «POEMETOS», «DE BRAÇO DADO», (EM COLABORAÇÃO COM O CONDE DE ARNOSO) «O PAÇO DE CINTRA», (ILÚSTRADO PELA SR.<sup>a</sup> D. AMELIA DE ORLEANS E PELOS SR<sup>s</sup>. CASANOVA E RAUL LINO), ETC., ALÉM DO CONHECIMENTÒ DE UM AUTO IGNORADO DE GIL VICENTE, DESCOBERTO PELO ILUSTRE TITULAR NA SUA BIBLIOTECA. CONTAVA 69 ANOS, ERA BACHAREL EM DIREITO, GRÃ-CRUZ DE CRISTO, COMENDADOR E GRÃ-CRUZ DE SÃO TIAGO E SOCIO EFECTIVO DA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA, TENDO NO TEMPO DA MONARQUIA, SIDO PAR DO REINO E EXER-CIDO OS CARGOS DE MORDOMO-MOR DA CASA REAL E VEADOR DA CASA DA RAINHA SR.<sup>a</sup> D. AMELIA. O SR. CONDE DE SABUGOSA FEZ TAMBEM PARTE DO CELEBRE GRUPO DOS «VENCIDOS DA VIDA», DO QUAL FICA AGORA EXISTINDO UM UNICO MEMBRO: GUERRA JUNQUEIRO. A F. MILIA ENLUTADA, APRESENTA A «ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» AS SUAS CONDOLENCIAS

# Ha Muitos Anos...



Casa onde nasceu Luis Pasteur, na rua dos Cortidores, hoje rua Pasteur, em Dole

A' direita, a casa em Villeneuve-l'Étang, onde Pasteur viveu as ultimas semanas da sua vida e viu a falecer em 28 de setembro de 1. 95



Pasteur em 1845

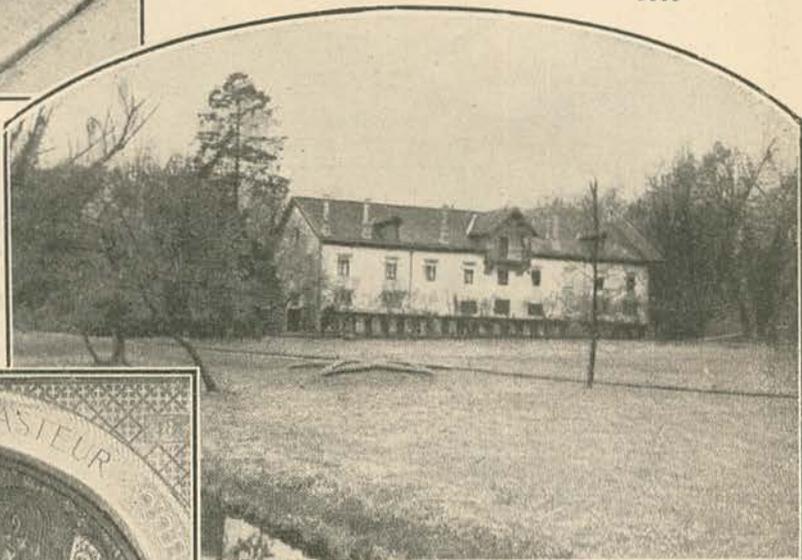


Pasteur em 1855

(Vide *Ilustração Portuguesa* n.º 879 e 881, de 23 de dezen bro de 1922 e 6 de Janeiro de 1923)



Pasteur em 1886

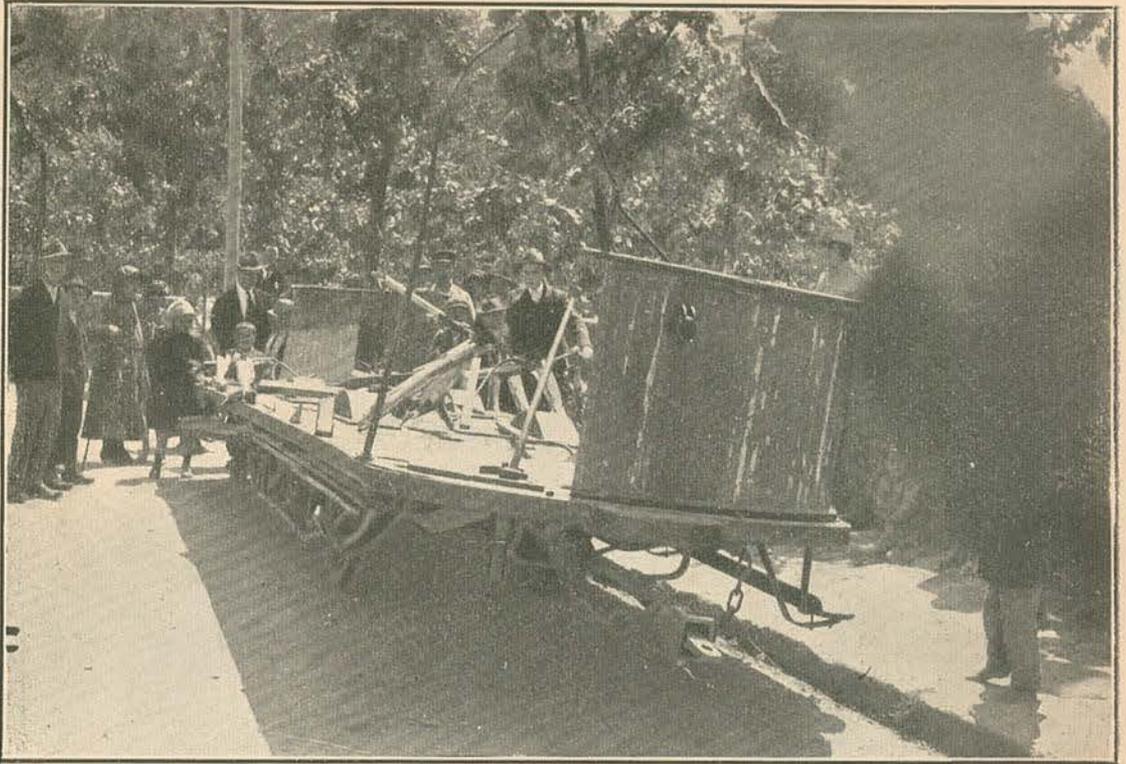


A mãe e o pai de Pasteur

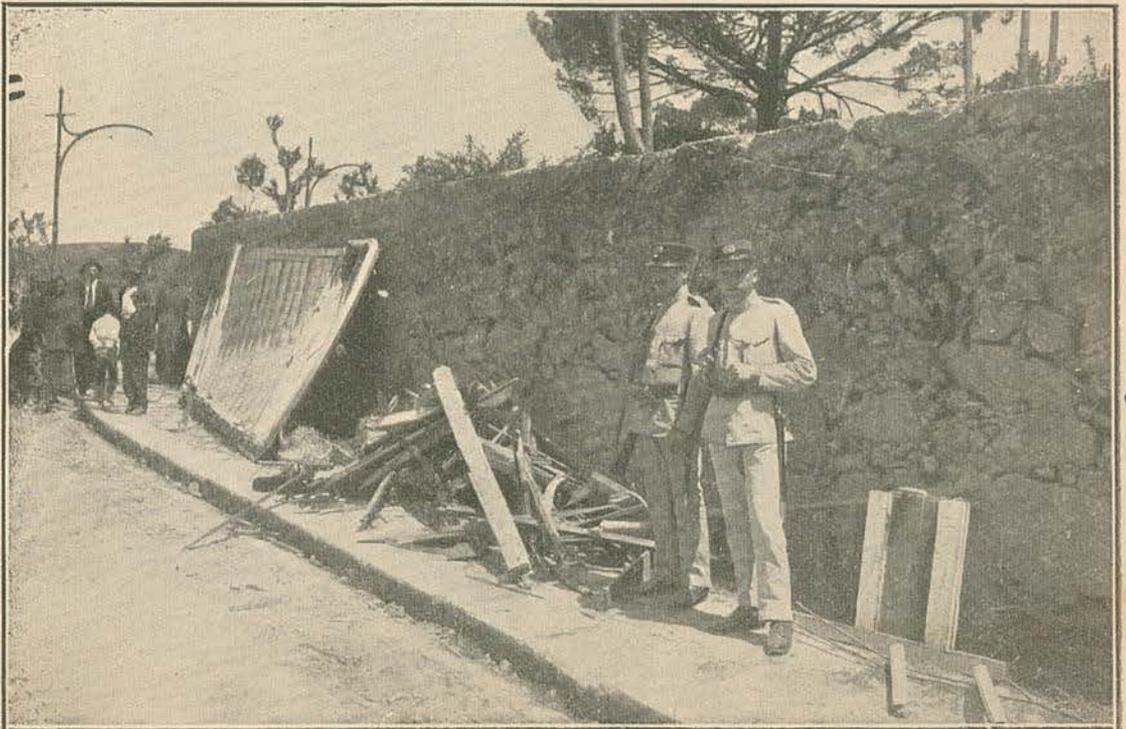
(Pasteis executados por Luis Pasteur, o primeiro quando tinha 13 anos)

A' esquerda, a entrada da cripta do Instituto Pasteur, de Paris, onde jazem os restos do illustre sabio e grande benemerito

# O desastre do Bom Jesus do Monte



*Estado em que ficou o carro atrelado*



*O tejadilho do carro atrelado que foi parar, com o choque, a grande distancia do local do desastre*

No dia 20, por ocasião da festa do Espírito Santo, deu-se na linha electrica do Bom Jesus do Monte, um horrivel desastre de que resultou a morte de 8 pessoas, além de ficarem mais ou menos gravemente feridas, 112. Foi o caso de haver descarrilado um dos carros atrelados, em serviço na aquella linha, na curva proxima das Cardosas, em o de encontro a um muro com tão violento choque, que o tejadilho foi pa ar a grande distancia. Registando o facto, registamos tambem a nossa magua pelas victimas do lamentavel desastre

## Duas exposições de aguarelas

NO SALÃO  
BOBONE



de quem inicia a sua vida artística extra-escolar, contem essa exposição alguns trabalhos que, por si só, marcam individualidade e abonam a posse, por parte de quem os assina, de excelentes qualidades que dependem apenas do tempo a firmarem-se definitivamente.

Efectuou-se, no dia 19, a inauguração da segunda, em que figuram 27 trabalhos do artista espanhol sr. Ramirez Bonno, também apreciáveis.

**EM** duas salas da Casa Bobone acham-se, actualmente, franqueadas ao publico outras tantas exposições de aguarelas.

A primeira, porque primeiro foi inaugurada e tambem porque o jovem expositor, sr. Mario Torres, pela primeira vez expõe em publico, abriu no dia 14 do corrente. A' parte as naturaes hesitações



Em cima :

O sr. Mario Torres e um trecho da sua sua exposição

A' direita :

O sr. Ramirez Bonno junto d'alguns dos seus quadros

## A RUSSIA E AS POTENCIAS



O delegado bolchevista á conferencia de Lausanne, sr. Vorovsky, assassinado no hotel Cecil, d'aquella cidade, no dia 10 do corrente



O seu adjunto, sr. Ahrens, tambem atingido por tres tiros, na mesma occasião, ficando gravemente ferido numa perna e num ombro



O engenheiro Conradi, de origem franceza, mas nascido em Petrogrado, que praticou o crime, parece que para vingar seu pae e um seu tio



O sr. Krassine, delegado dos soviets junto do governo inglez, a fim de conseguir a suspensão dos efectos do ultimatum britânico

# UM MONUMENTO NA SERRA DE MONSANTO



Com a assistência do sr. Presidente da Republica, chefe do Governo e ministros da Guerra e da Instrução, realisou-se, no dia 20, a inauguração do monumento ao alferes José Martins, morto por ocasião do combate travado na Serra do Monsanto, entre republicanos e monarchicos, em 1919, e mandado erigir por uma comissão de republicanos. Fizeram-se representar no acto a mãe do alferes Martins, muitas colectividades republicanas, populares, etc.

Em cima:

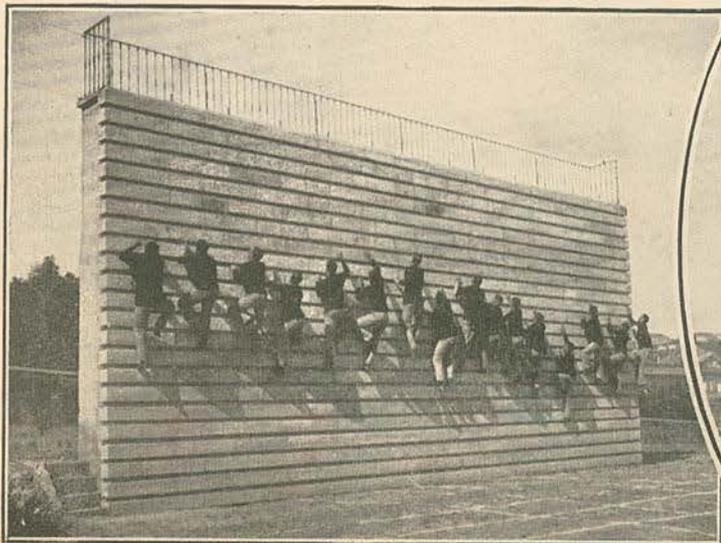
*O Chefe do Estado, os srs. presidente do Ministerio e ministro da Guerra e da Instrução, a comissão promotora da manifestação, etc.*

À direita:

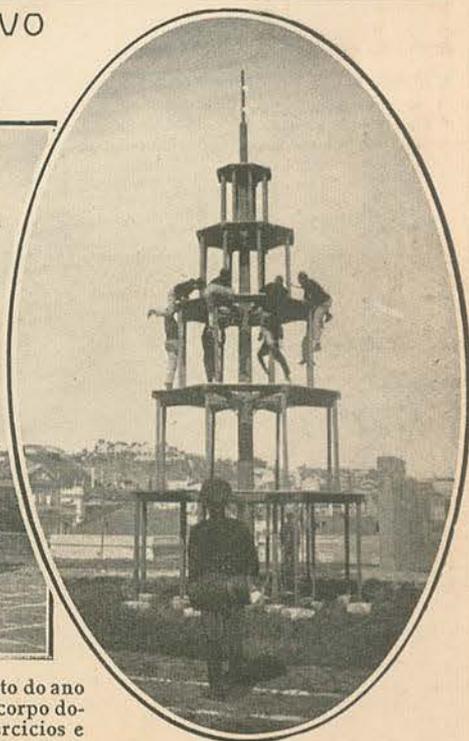
*O monumento, logo apoz o acto do descerramento pelo sr. Presidente da Republica*



## O ENCERRAMENTO DO ANO LECTIVO NA ESCOLA MILITAR



Na mesma data realisou-se, na Escola Militar, a festa do encerramento do ano lectivo, com a assistência dos srs. ministro da Guerra, comandante e corpo docente do estabelecimento, alunos e convidados. Houve varios exercicios e jogos desportivos, dos quaes as nossas gravuras reproduzem dois aspectos.



# Estrelas e Atores do Cinema

A Paramount acaba de anunciar em Paris a exhibição da película «As aventuras do capitão Barclay», que despertou grande interesse nos apreciadores do cinema da capital franceza.

O capitão Matthews Barclay conquistou os seus galões mercê de actos de valentia e verdadeira audacia.

Enamorado perdidamente da filha dum riquissimo armador, Barclay lucha com as maiores dificuldades e os mais aborrecidos contratemplos, até que consegue, finalmente, desposar a sua amada Florie.

Thomas Meighan, encarregado do papel de Matthews Barclay, desempenhou-o a primôr.

O principal papel feminino, Florie foi interpretado por Agnès Ayres, sendo muito elogiada neste seu novo trabalho.

— A «Vita» de Viena, que produziu o magnifico «film» «Sansão e Dalila», acabou de filmar a pe-



Priscilla Dean  
numa das  
suas ultimas  
creações



licula «O Delfim de França», interpretado por Tiber Lubinsky, de doze anos de idade.

Por outro lado Jean Kemm vai filmar tambem um Luiz XVII sob o titulo de «O rei orfão». Jean Kemm, intelligente «metteur en scène», auxiliado pelo director artistico Louis Nalpas, deve, sem duvida, produzir um «film» de que a parte historica será bem cuidada se-

Uma das mais formosas atrizes dos  
«studios» de Allen-Atlantico: Justine  
Johnston

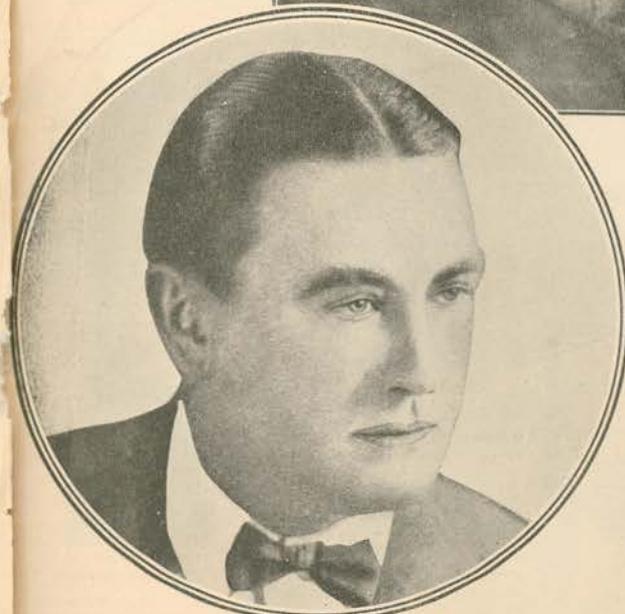
guindo de perto a verdade dos factos ocorridos.

— E' num dos primeiros dias do proximo mez de junho que será exhibido, perante a corte e plebe, o «film» «A cigana Blanca», montado com esmero por Galiberti e Passet, e em que Raquel Meller tem u na das suas melhores produções.

— «O Seculo» vai brevemente publicar



Mary Miles Minter a apreciada «estrela» da Rosinar



O excelente actor americano Owen Moore, que o publico de Lisboa varias vezes tem apreciado em produções da Selznick

em folhetim o magnifico romance de Marcel Aldaim, «Os párias do amor», que o Cinema Condes, ao mesmo tempo, fará exhibir, em sete episodios.

— O celebre comico Max Linder assinou um contrato com a grande firma «Vita», de Viena, em magnificas condições, para ir trabalhar na Austria, na interpretação dum «film», para o qual ele proprio escreverá o scenario e se intitulará «O clown por amor».

A montagem da película começa a 15 de setembro, estando dela encarregado Hervil.

No desempenho, ainda tomam parte dois actores comicos francezes, escolhidos por Max Linder que, como se vê, procura dar ao novo «film» o maximo de brilho, alegria e espirito.

# FIGURAS & FACTOS



**Dr. Anibal Esmeriz**

Os dois dedicados mutualistas cuja memoria foi homenageada no dia 20, com uma sessão solenne, da se e das associações de socorros mutuos



**José Bastos**

feiteradas, O Destino e Igualdade.

## Bombelros voluntarios do Dafundo

Uma das fases do simulacro de incendio que fez parte das festas com que celebrou, no dia 21, o 11.º anniversario da sua fundação esta benemerita agremiação

(Cliché Saigado.)



## Campanha de Africa

O monumento aos mortos da grande guerra em Africa, erecto em Mocimboa, Nyassa

## Lustre artistico

Executado sobre desenho do scenografo sr. Viegas e destina o ao foyer do teatro São Luiz, obedece ao mais r goroso estilo Imperio, honrando, assim, as tradições e competencia da industria nacional



## Visconde d. Coruche

Falecido, no dia 15, na Casa de Saúde de Bemfica, era um dos mais importantes lavradores do paiz, antigo director da Associação Central de Agricultura, etc. A família ha enlutada apresentando os nossos pezames



## Os defensores dos tripulantes da scamlonete fantasma em julgamento no tribunal de Santa Clara

Da esquerda para a direita: Alferes Jaime Brasil, tenente Lorena Santos, dr. Milheiro Fernandes, dr. Orlando Marçal, dr. Santos Marcelo, dr. Alredo Nordeste, dr. Fernando Custodio Pereira, dr. Da Cunha Dias, dr. Lobo da Silva, capitão-tenente Tavares da Silva e dr. Fernando Gomes Mota



**Dr. Antonio Maria da Cunha**

Medico, director do «Heraldo», de Pangim, autor da memoria sobre a «Ilução jornalística» e na India Portuguesa, e erda a convite do governo geral daquela nossa possessão, e presidente do 5.º congresso Provincial, recentemente realiado em Nova Giza



**José Carlos Rodrigues**

Antigo director do Jornal do Comercio, do Rio de Janeiro, que passou em Lisboa, no dia 23, a bordo do «Amansora», em viagem por França



**Salvador Santos**

Antigo director da Gazeta de Noticias, do Rio de Janeiro, que passou em Lisboa a bordo do «Messilia», no dia 24.



## Dr. Reinaldo de Aragão

Recentemente formado em medicina e фарма la pela Escola do Rio de Janeiro sendo a sua te-« Ressurgimento uma das melhores do respectivo curso, constal o por 150 alunos, em nome dos quaes e a convite de to os preferiu, por esseio do doutoramento, o discurso de agradecimento dos doutorandos aos professores. E' esperado brevemente em Elxio, sua terra natal



Gentil grupo de alunas da Escola Primaria Superior Ribel o Sanches, que tomou parte na Festa da Flor, ha dias realizada em Lisboa

# "BODAS DE OIRO",

no APOLO

# "Madalena arrependida",

no AVENIDA



Aura Abranches  
autora de  
Madalena  
arrependida

Vasco de Mendonça  
Alves  
autor das  
Bodas de ouro



Oh! não! não é licito a ninguém, principalmente ao illustre dramaturgo sr. Vasco de Mendonça Alves, tão da nossa simpatia e a quem não fizemos mal nenhum — o torturar-nos, como ele fez, na nefanda noite de 19 do corrente, no teatro Apolo, com a sua peça *Bodas de ouro!*

Principlou o nosso infernal sofrimento por termos de jantar á pressa, com justificada estranheza de dois carapaus, que tão cedo não esperavam no estomago a entrada de quatro favas guisadas, e destas, por verem entrar no mesmo recipiente dois gomos de laranja sem previa masticação — isto tudo com o fim de chegarmos ao Apolo á hora marcada no cartaz, ás 9 e 1 quarto. Seguiu-se a ansiedade, assim como um pessimo começo de digestão, até perto das 10, hora a que o pano se dignou subir para o 1.º acto da referida peça, e de aí em diante o sr. Vasco de Mendonça Alves, astuciosamente auxiliado pelo seu e nosso amigo, o insigne actor José Ricardo, expremeu-nos o coração em tratos que, comparados com os da Inquisição, são como injurias da sorte comparadas com os beljos de mãe.

Com um talento verdadeiramente satânico, o festejado autor da *Conspiradora* não revelou logo as suas horribes intenções, antes se insinuou melifluamente no nosso coração, por meio de cautelosas blandicias. Assim, apresentou-nos o avô sr. Manuel de Melo, na pele do sr. José Ricardo e com a cara do nosso falecido colega Vitor Hugo, docemente rodeado de cinco pessoas de menor idade, seus netos, recolhidos em virtude dos respectivos papás se encontrarem separados; banhounos com a suave evocação da figura heroica e relligiosa de Nuno Alvares Pereira, em conversa com a Viagem Maria, atraz de uma rocha, em Valverde — e fez-nos aplaudir o 1.º acto da peça, so ridntes e tão satisfetos, que os carapaus, as favas e a laranja do jantar reconciliaram-se definitivamente e a nossa digestão regressou á normalidade.

A fortuna, porém, não deixou durar muito este bem estar, manhosamente preparado; um intervalo de mais de meia hora e a repetição irritante de trechos sedícios, pelo sexteto, aguçaram-nos a paciência e os nervos, e dispuzeram-nos mal para recebermos o 2.º acto. Sobre o pano — e o sr. Vasco de Mendonça Alves desmascara-se decididamente: os gentis netinhos e netões — ha tres que já são casadoiros — do sr. Manuel de Melo, todos na mesma sala, entregues a seus estudos sob o olhar condescendente da sr.ª Mariana, patenteiam a sua má e ucação, brincando em vez de estudar, jogando as escondidas, guinchando, beliscando-se uns aos outros, organisando bailaricos, fazendo a sr.ª Mariana de fel e vinagre e obrigando-nos, pelo longo tempo perdido para a acção da peça e apezar da sr.ª D. Ilda Stichini ter muita gracinha, a bocejar, tambem malcriadamente e a duvidar das faculdades teatraes do autor da brincadeira.

Cessa, emitim, a enfermeira dos meninos, e eis que o sr. Manuel de Melo tambem se desmascara, num comprido e bem trabalhado dialogo com o advogado sr. Paulo d'Almeida. O integro portuguez que aconselhava honradez e apontava os exemplos do Condestavel, quer comprar a justiça, não reconhece as leis humanas, não dá a Cesar o que é de Cesar e, o que é mais grave, troa a descabeladamente com a magistratura e commoco, querendo fazer-nos acreditar que para fugir com os netos á policia basta metê-los numa quinta em Bemfica, de onde passarão para a quinta contigua e de aí — ó suprema chacota! — para Espanha! Segue-se uma arreliadora telmosia de meia hora, com o conhecido e não perfumado tema do celebre «Ha-de sair» bocagliano, e nisto chegamos, perturbadissimos, ao intervalo respectivo, que aproveitamos para não ir cumprimentar á casa do teatro as pessoas da nossa amizade, a fim de não sermos desagradaveis quando nos interrogassem sobre a peça.

O 3.º acto é o requinte da fereza, exercida pelo tirano sr. Vasco de Mendonça Alves e pelo seu cumplice sr. Manuel de Melo sobre a nossa sensibilidade. Prepara-se a familia, com i sistentes pormenores de roupas emaladas e uma partida do Josézinho coplada do *Necas & Tonecas*, para ir ate ás aastadas e inaccessiveis paragens de Bemfica. Mas o gado sal-lhe mosquelro e o nosso pobre espirito entra na fase do aniquillamento. A policia bate á porta, o avô quer fazer fugir a peizada pelo jardim, e depois manda-a para o sotão; a neta Cecilia, com a sabedoria dos seus 19 anos, aproveita o ensejo para se meter no quarto com o namorado — e por fim, depois do integro sr. Melo tentar intrujar a policia, dizendo que não está em casa e afirmando-lhe, em seguida, descarada e pouco inteligentemente que os netos tambem não estão, todos os fugitivos são apanhados e ai temos nos meia hora de choro, as numerosas victimas abraçadas umas ás outras, as senhoras da plateia e dos camarotes em agonias e os carros electricos a recolherem aos respectivos depositos, para nosso completo desespero! Depois o sr. Manuel de Melo ainda começa a chuchar commoco, ordenando a uma saluja que siga os netos num automovel, embora saiba perfeitamente, como nós, que a ranchada foi para casa dos paties dos pais.

De todas estas deshumanidades cremos que se arrependeu o sr. Vasco de Mendonça Alves no 4.º acto, lá para depois da um da madrugada, visto que nos serve o acopepe da volta dos netos a casa do avô, com *champagne* da Vinicola e a previa certeza, dada por uma personagem, de que em breve «se espantariam lagrimas de aegria por aquelas paredes»; esse refrigerio, contudo, chega tarde e a mas horas e já não consegue libertar-nos do mau humor, nem do desgosto de não podermos afirmar ao autor, pelas *Bodas de ouro*, o agrado que nos produziram algumas das suas obras anteriores.

Oh! não!

Alongámo-nos demasiadamente com o original do Apolo — agora o reconhecemos. E mal fizemos, porque nos falta espaço para escrevermos todo o bem que merece a comedia da sr.ª D. Aura Abranches, *Madalena arrependida*, representada no Avenida. Limitamo-nos, por isso, a dizer que o actor Grijó é o marido mais feliz dos dois hemisferios e aconselhemos a talentosa e lista e autora a ab ir um curso para quem quizer aprender a fazer peças e para os autores dramaticos, do sexo forte, que desejem aperfeiçoar-se.

Mario COSTA.

# O Instituto Pasteur de Lisboa

Os ensinamentos e as vantagens praticas que oferece este estabelecimento modelar, nos dominios da medicina humana e veterinaria, da agricultura e da vinificação

**C**ELEBRA neste momento todo o mundo culto o primeiro centenario de Luis Pasteur, o sabio imortal, que abriu á sciencia medica novos campos, novas orientações, que tanto têm corrido para tornar possível combater os peores males, as mais graves doenças, que affligem a humanidade.

Pasteur marcou indiscutivelmente uma nova era na historia da medicina, e o seu nome, repetido e venerado em todo o mundo, é hoje um dos maiores titulos de gloria da França e de toda a raça latina.

Em Portugal, os seus trabalhos tiveram, naturalmente, uma grande repercussão e assim foi que, sob a sua égide, se creou um estabelecimento, de que desejamos, neste numero, fazer especial menção, por constituir uma das mais brilhantes manifestações da iniciativa e da competencia do trabalho nacional.

Referimo-nos ao Instituto Pasteur de Lisboa. Fundado em 1895, esse estabelecimento tinha em vista introduzir em Portugal e suas colonias algumas das

utilissimas applicações á medicina humana e veterinaria das descobertas do sabio imortal, cujo nome tomava.

Para esse fim organisaou laboratorios de preparação de soros e vacinas, ac e s e s e n t a n d o - l h e s , em breve, o de produção de leveduras seleccionadas para vinhos, e, por ultimo, um de analyses clinicas, bacteriologicas, quimicas, industriaes e agricolas, cuja feita era então sensivel em Lisboa.

Cinco anos depois, ampliou as suas installações, mudando de local, e creando tambem no Porto a sua «Secção do Norte». — Dedicou se em seguida á preparação de medicamentos esterilizados para injeccão sub-cutanea e de pensos assepticos.

Inutil nos parece encarecer a importancia do serviço que o Instituto então prestou.

O movimento geral de analyses, que se tem intensificado cada vez mais, funciona, ha vinte e dois anos, sob a direcção do sr. dr. M. Athias, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, que outras secções importantes tem ainda a seu cargo.

A secção de analyses biologicas foi confiada ao sr. dr. Henrique Parreira, tambem professor da mesma Faculdade.

Além desses dois distinctissimos homens de sciencia, um pessoal convenientemente adestrado, quimicos e farmaceuticos de reconhecida competencia, consagra os seus esforços á preparação de produtos especializados: granulados, e o m p r i m i -

dos, ampolas, etc., que, afirmamo-lo sem receio, rivalizam com os mais acreditados do estrangeiro.

No Brazil, a excelente qualidade dos produtos do Instituto Pasteur, abriu-lhe francamente os mercados e creou-lhe, como nas colonias e, de resto, em toda a parte, geraes simpatias. Isso levou-o a estabelecer num dos melhores locais do Rio de Janeiro, um deposito dos seus preparados.

A participação de Portugal na grande guerra obrigou o Instituto Pasteur a ampliar a secção de material cirurgico, visto ter-lhe sido conferida a honra de fornecer ao nosso exercito muito do que lhe era necessario para entrar em campanha.

Isso o levou a occupar-se do estudo de pensos individuais, de aparelhos ortopedicos, de serviços hospitalares moveis e a aperfeçoar o fabrico de instrumentos cirurgicos. Com a consequente montagem das officinas respectivas muito lucraram os cirurgiões portuguezes, sobretudo depois que o agravamento da situa-

ção cambial veio dificultar a aquisição da mercaderia estrangeira.

Mas, é acima de tudo, á nova secção de produtos especializados para uso terapeutico que o Instituto Pasteur de Lisboa tem com mais empenho dedicado a sua attenção, a partir do momento em que os outros serviços ficaram definitivamente em condições de acompanhar, sem difficuldade, os progressos da sciencia.

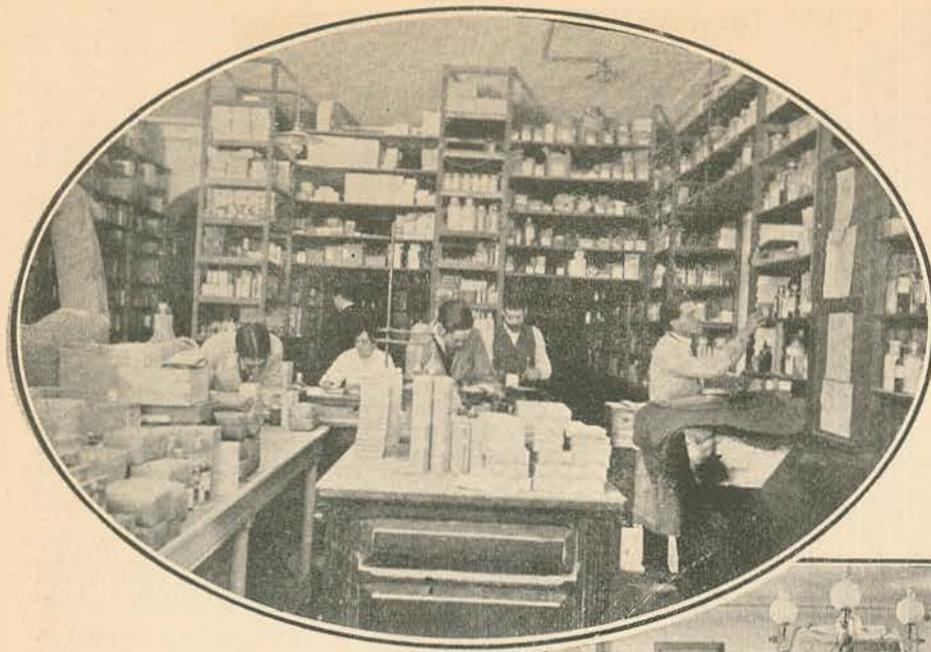
Mereceram cuidados particulares os preparados coloidaes, entre os quaes se conseguiu obter, por exemplo, a *Ironine*, ferro coloidal de singular eficacia no tratamento dos anemias, e o *Lyol*, cujas vantagens no tratamento de feridas e de muitas doenças de pele são já bem conhecidas.

Pelas mesmas propriedades que este ultimo, o desenvolvimento do oxigenio no estado nascente, em contacto com os tecidos organicos, se tornou recomendavel a Gaze Oxigenada, principalmente para o tratamento das feridas cirurgicas.

Dentre muitas outras especialidades não podemos passar em silencio a *Iodolosa*, substituindo com vantagem os iodetos no tratamento da sifilis, etc.; o *sseostol*, poderoso recalificante do organismo, muito util nos casos de enfraquecimento geral; o *Rheumaxarope* pectoral dos mais beneficos e feitos, e a *Emulsão Pasteur*, preparado de oleo de fígado de bacalhau com glicero-fos-



A propriedade sede do Instituto Pasteur de Lisboa



*Secção de drogaria*

fatos, da mais provada eficacia no tratamento de todos os casos de debilidade gera e linfatismo.

Pela breve resenha que acabamos de fazer, pode-se concluir a vastidão dos serviços englobados no estabelecimento modelar que é o Instituto Pasteur de Lisboa.

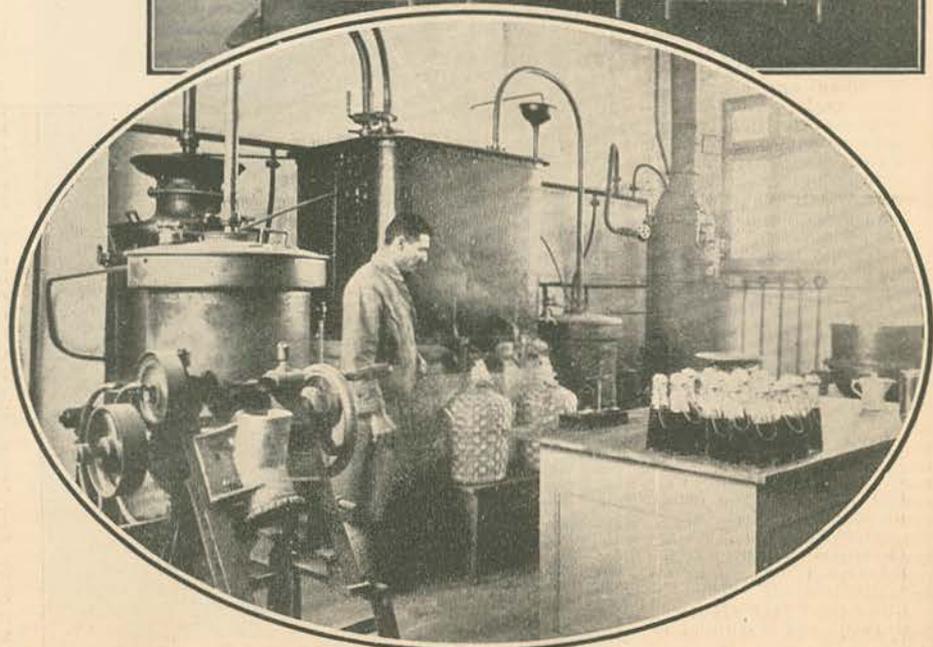
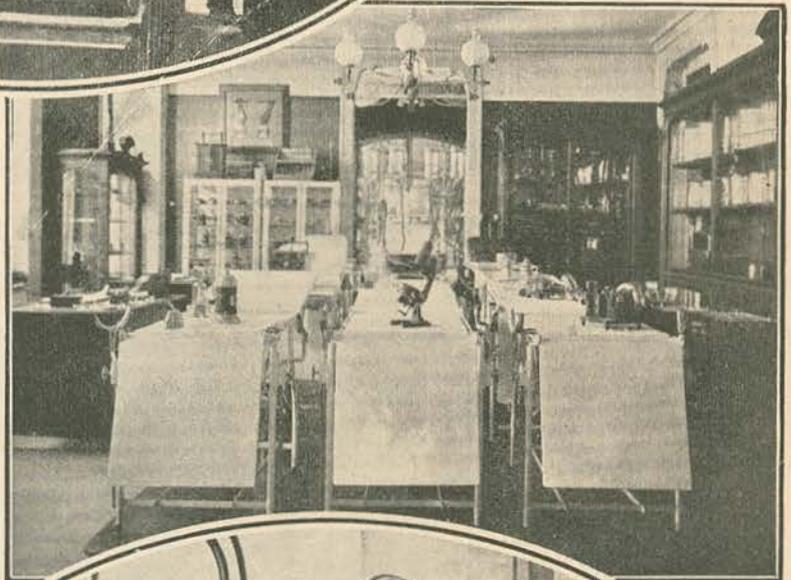
No seu actual desenvolvimento, este Instituto reúne em si todos os elementos necessarios para bem servir a medicina, a cirurgia e a hygiene.

O Instituto Pasteur de Lisboa não é um estabelecimento especializado, nesta ou naquela secção; antes reúne em si tudo quanto ao seu vasto campo de acção pode interessar, desde a simples receita medica, que o doente precisa de aviar, até a montagem completa duma sala de operações, de um laboratorio ou de um hospital.

No desejo, sempre crescente, de ampliar e completar os seus serviços, o Instituto Pasteur de Lisboa acaba de montar duas secções que vem ainda ampliar mais o ambito da sua esfera de eficiencia e, portanto, os serviços que, ao publico, pode prestar.

De ha muito que o Instituto vinha fornecendo soros e vacinas, absolutamente necessarios no tratamento das graves

*Salão de venda do material cirurgico e mobiliario sanitario*



*Secção de esterilisação, distillação.etc.*

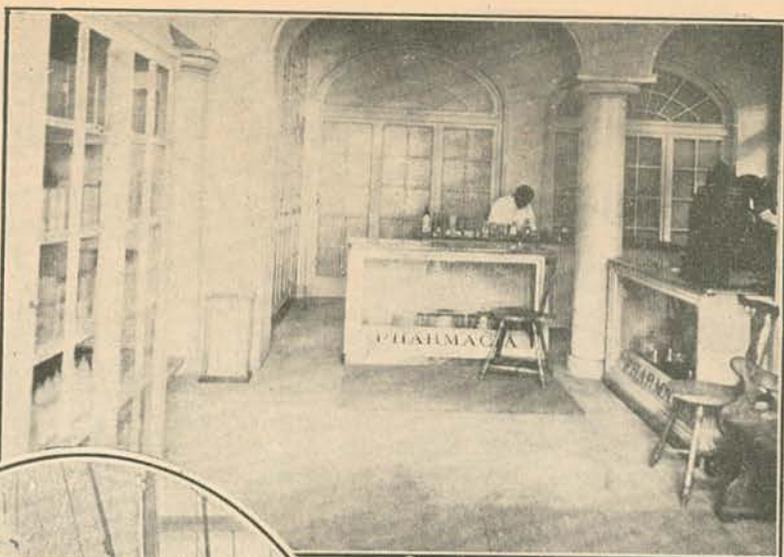
doenças que, atacando os animaes e destruindo os rebanhos, tanto mal causam á economia nacional.

Pela nova secção exclusivamente destinada á veterinaria, esses serviços são amplados e entregues a um tecnico de reconhecida competencia.

A essa secção se podem dirigir os nossos lavradores, na certeza de que serão completamente atendidos e de que ali encontrarão remedio ou con-

selho útil para reduzir ao mínimo perdas que, em este concurso, seriam consideráveis.

Ainda aos mesmos lavradores interessa a nova secção agrícola, dirigida por um notável professor, e destinada a fornecer á agricul-



*A farmacia*

relembrar aqui as leveduras seleccionadas do Instituto, que de tanta utilidade podem ser na vinificação, dando completo desdobraimento do mosto e as particularidades de aroma e paladar, que tanto valorizam os vinhos.

São, pois, extremamente variados os motivos e todos igualmente poderosos, para que recomendemos com empenho, a todos os habitantes das provincias continentaes ou insulanas, bem como a todos

quantos, nos nossos vastissimos dominios ultramarinos, como pioneiros ousados da civilisação, arrotelam sertões, lutando contra climas depauperantes e inhospitos, que, por occasião da sua primeira vinda á capital, não deixem de fazer ás magnificas installações do Instituto Pasteur, na Rua Nova do Almada, installações das quaes, nas linhas precedentes, tentamos dar uma allás insufficiente idéa, e que toda Lisboa conhece e admira, uma visita que, seja qual fór o seu particular e especializado ponto de vista, resultará interessantissima, em qualquer hipótese e, na maior parte dos casos, em quasi todas, podemos-lo afoitamente garantir, se tornará o inicio de ininterruptas relações, o ponto de partida duma vasta utilisação de serviços dos mais vantajosos resultados.



*Officina de acabamento de instrumentos cirurgicos*

tura, tanto o que a sciencia mais moderna tem posto ao seu dispôr, par debelar muitas doenças das culturas, que são o produto do seu incessante trabalho, como aqueles produtos que avigorando as sementes, lhes fazem colher um mais remunerador resultado dos seus esforços.

A analyse das terras ou das aguas, que no laboratorio do Instituto se faz, completam estes serviços.

E, já que falamos de agricultura, não é de mais



*Um dos laboratorios da farmacia*

# Página

# Elegante



## CHAPEUS!

Perante esta palavra magica e electrizante, nenhum espirito feminino permanece apatico.

Se no chapeu se conjugam todos os subteis «rafinements» da «coquetterie», se desse encantador complemento da «toilette» depende, em grande parte, o triunfo dum rosto belo, a graça duma «silhouette» gentil, a confirmação definitiva de uma elegancia impecavel!...

Como ha de a mulher menosprezar um tão precioso elemento de estetica do vestuario?

Não, a mulher adora o chapeu, consagra-lhe uma atenção mesclada de reconhecido respeito, e é sempre alvoroçada, receosa e quasi comovida, que se apresta para escolher o modelo que mais a favorecerá e que melhor corresponda á idéa fundamental da moda vigente.

E na verdade escolher um chapeu não é coisa facil.

Em primeiro lugar é necessario que a interessada consulte deliberada e lealmente o espelho, pondo de parte toda a idéa de parcialidade e indulgencia. Se é linda, importa que analise bem o genero de beleza que a caracteriza e que aproveite da moda os recursos que ela lhe facultar para obter um realce dos seus dotes de formosura, sem todavia aceitar incondicionalmente, numa subservencia doentia e prejudicial, os excessos de ousadia ou as pretenções a dogmatismo a que, por vezes, a grande tentadora do eterno feminino se deixa arrastar. Se é menos bela, convem que não procure corrigir a seus proprios olhos, com o pincel traçoireiro da illusao, as deficiencias fisicas com que a natureza a brindou, certamente para que os seus dotes moraes resaltem mais fulgurantemente a compensarem-na amplamente do apoucamento da sua formosura, pedindo á inexgotavel imaginativa da soberana da elegancia os elementos que lhe facilitem a missão delicada de tirar efeito dos traços de beleza que possui e esbater inteligentemente as incorrecções que a prejudicam.

Um chapeu escolhido com criterio e imparcialidade, pode tornar lindo e atraente um rosto insignificante, ao passo que uma escolha levanamente feita, pode afeiarentavelmente uma verdadeira formosura.

O ecletismo da moda actual, permite ampla liberdade a todos os gostos, facilitando o realce de todos os tipos de beleza.

As formas dos chapeus variam ao infinito, favoraveis a todas as configurações do



rosto. Pequenas «cloches», encantadoras com o vago ar de misterio que as caracteriza, banhando de suave sombra a parte superior do rosto; largas «capelines» de linhas juvenis; deliciosos «bretons» e formas «coquettement» levantadas ao lado, tudo se vê, se usa com entusiasmo, ostentando artisticas guarnições feitas com fitas «ruchées», com fantasias de penas, com flores, com frutos e com rendas empregadas profusamente, mas com inteligente propriedade.

As formas vêem-se este ano em palha, recobertas de «laises» de palha brilhante, de crepes «georgette», de «taffetas», de «alpaca imprimée», e de fitas estreitas entretrecidas, cosidas, sobrepostas, combinadas de mil maneiras, enfim,—que em se tratando de obter efeitos interessantes e novos a fantasia da moda é inexgotavel...

De entre as guarnições empregadas este ano ressaltam em primeiro lugar os laços e as «cocardes» de fitas de seda, os primeiros geralmente armados com fitas largas, de «faillé», «taffetas» ou «moire», os segundos feitos com fitas estreitas, frequentemente orladas a «picot», finamente plissadas e combinadas em duas ou tres côres que se harmonisem com arte e seguro efeito decorativo.

As rendas figuram em segundo lugar, embora não se empreguem com menor entusiasmo. Formando fartos «choux», caindo em «cascades» numa graça leve, descendo em «écharpes» até á altura da cintura, de toda a maneira as rendas alindam os chapeus modernos, quer se trate de pequenas «cloches» ou de largas «capelines».

As flores e os frutos têm tambem larga applicação; entretanto é de prever que não avançarão pelo verão, acollidos com igual favor.

E' que esse genero de guarnição, por vistosa, fatiga a retina e obriga a procurar a delicada d'sposição das ornamentações mais sobrias no colorido e na disposição e, por isso mesmo, mais requintadamente elegantes e distintas.

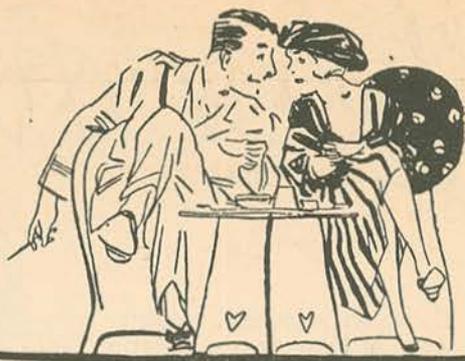
Mas como tudo se usa, escolhei, senhoras, que a moda oferece-vos um campo largo e fecundo ás pesquisas da vossa fantasia, desde que tomeis como divisa o bom gosto e como norma o criterio.

Entretanto, não esquecaes o exame atento e imparcial do tipo de beleza proprio; é o principal elemento de exito, sempre que nos disponhamos a escolher um chapeu...





AQUI SE DIRA  
DOS LIVROS  
CUJOS AUTO-  
RES, ENVIAN-  
DO-OS A' BI-  
BLIOTECA DA  
ILUSTRAÇÃO  
PORTUGUESA,  
MANIFESTEM  
O DESEJO DE  
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS  
LEITORES A PROPOSITO DE TU-  
DO E O MAIS QUE OCORRER.

### A MANTILHA DE MEDRONHOS, por Eugenio de Castro

O grande poeta encontra-se numa fase de produtividade surpreendente. O seu ultimo livro intitula-se *A mantilha de medronhos* e tem como tema a Espanha. Ele o diz no primeiro soneto:

De medronhos compuz farta mantilha  
Para allndar com ela a minha Musa:  
Portugueza, parece uma andaluza,  
Envolta em rico challe de Manilha,

Eugenio de Castro, em esplendidos sonetos, cantos Madrid, o Escorial, Toledo, Salamanca, Cordoba, Granada, Sevilha, Malaga, Merida, Badajoz, Tuy, Vigo, Pontevedra, Santiago de Compostela, a Corunha, Orense, Burgos, em muitos dos seus aspectos. A musa do maravilhoso artista deparou fartos motivos de inspiração nas belezas, nos costumes, nas tradições do paiz vizinho, e aproveitou-os com o supremo talento que ergeu Eugenio de Castro ao posto incomparavel que occupa na literatura patria. *A mantilha de medronhos* é dedicada a Afonso XIII. Edição da *Lumen*, primorosa como todas as que saem da importante casa editora, e que se esgotará rapidamente.

### SENTIR... , por C. B. Delgado

Impresso em Macau, em excelente papel, o volume intitulado *Sentir...*, é formado por uma série de cronicas e pensamentos. O sr. C. B. Delgado afirma que «ele traduz o que a sua alma sente e o que o seu cerebro pôde produzir». Acreditamos e louvamos o patriotismo do auctor, mas sem o lisonjearmos dizendo que as suas cronicas e os seus pensamentos mereceram a publicidade que lhes deu no volume batisado pelo seu compadre. Estará o sr. Delgado convencido de tal, mas engana-se. O facto de alguém se imaginar cronista e prosador não basta para que o seja. O seu livro é francamente mau, a despeito das suas boas intenções.

### EM CASA DA AVÓ, por Maria Francisca Tereza

*Em casa da avó, na Ilha da Madeira*, é um livro destinado a crianças, mas as pessoas crescidas lêem-no tambem com enlevo. Maria Francisca Tereza, além de um espirito observador, possui uma pena facil e elegante que sabe, em curtas frases, pintar o quadro que serve de fundo ás figuras e ás almas retratadas n'este volume. O principal objectivo da autora consiste, porém, na vulgarisação de conhecimentos que contribuam para enriquecer o cerebro e for-

A. V. S.—Um bonito volume de versos, bem encadernado, é um presente sempre bem acido. Aconselho-lhe os sonetos de Camões ou os de Antero de Quental.

ROSA.—As roseiras dão-se bem em quasi todos os terrenos. No entanto os melhores são os ligeiros, permeaveis e calcareos.

M. V.—A massa empregada pelos vidraceiros prepara-se misturando uma porção de gesso com oleo de linhaça ou qualquer outro oleo sicatico. Não ha quantidades certas; conforme a consistencia desejada assim se aumenta a porção de gesso ou se acrescenta mais oleo. A massa prepara-se na occasio de servir.—D.

UMA JARDINEIRA.—Podem-se afastar os mosquitos, abelhas e outros insectos lavando o rosto e as mãos com o seguinte preparado: Eucalliptol, 10 grammas; Ether acetico, 5 grammas; Agua de Colonia, 10 grammas; Tintura, de pirethro, 50 grammas; Agua, 300 grammas.—D.

C. M. L.—(Funchal)—Como a sua Mela noite já foi publicada em jornal, não tem cabimento aqui. Algumas transcrições temos feito, mas por motivos especiaes, que não são dáo agora.

Alempires.—E' melhor mandar a sua missioa em verso, á Mlle A. pelo correio. Só ella a pode apreciar verdadeiramente. Aos nossos leitores não interessaria o seu caso.

J. P. A.—As nossas impressões sobre as Tardes de outono são que os seus versos estão certos, metricamente—mas que o sol não baixa á paz da sepultura, sendo porque a necessidade da rima a isso o obrigou, que o dito astro não chora lagrimas de illusão e que a natureza não morre no outono. O ultimo verso é que é bem bonito.

Em resumo: faça outro soneto, que este é fraquinho.

GARDUNHAS.—(Porto)—Vê-se que é, efectivamente, principiante. Quando já o não for, apareça.

S. C. H. de A.—Tem muito sentimento o seu soneto. Para o nosso ouvido, porém, uivar tem duas sílabas, ficando assim, errado um dos versos. Conte com a publicação, se o emendar, assim como os versos

Tange o vento, além, o sino da egreja

Para sempre bendito Ele reja,

UMA ARABE.—Não conheço bebida arabe a dar-lhe mas se quer uma receita agradável para substituir o café que lhe faz mal, arranje a seguinte mistura.

Assu ar em pó .....	250 grammas
Fecula de batata.....	60 „
Farinha de milho.....	60 „
Cacau em pó.....	80 „
Baunilha.....	1 „

Pulveriza-se a baunilha com uma parte de assucar. Junta-se em seguida todos os pós. Em cada chavena de leite deita-se uma colher de sopa.—D.

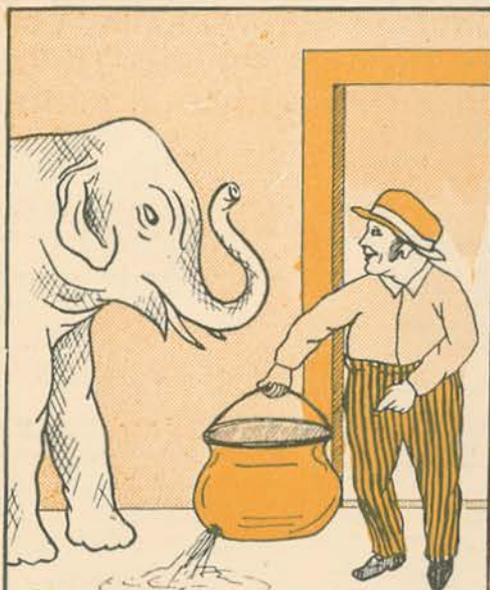
mar o caracter das crianças. Essa vulgarisação, como a apologia dos sentimentos nobres, acha-se feita nas 350 paginas da obra com muita arte e em linguagem bem portugueza. Emanuel Ribeiro illustrou o livro. A literatura didactica infantil foi valorizada por Maria Francisca Tereza com um trabalho que a honra como escritora e como educadora, e ao qual está destinado, por certo, um acolhimento festivo, nos meios a que mais particularmente interessa. Edição da Livraria Classica Editora.

A. A.

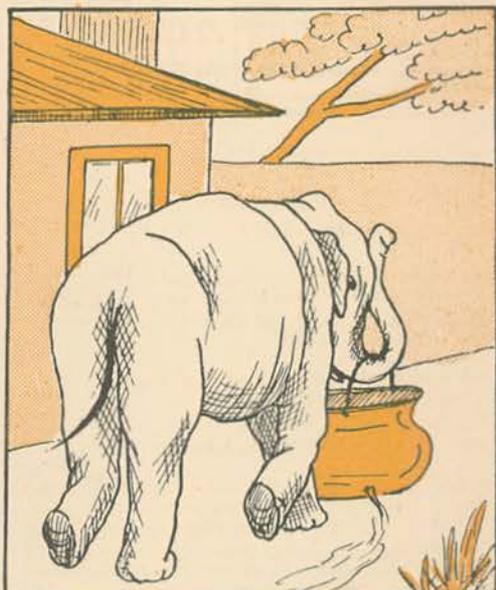


# PAGINA INFANTIL

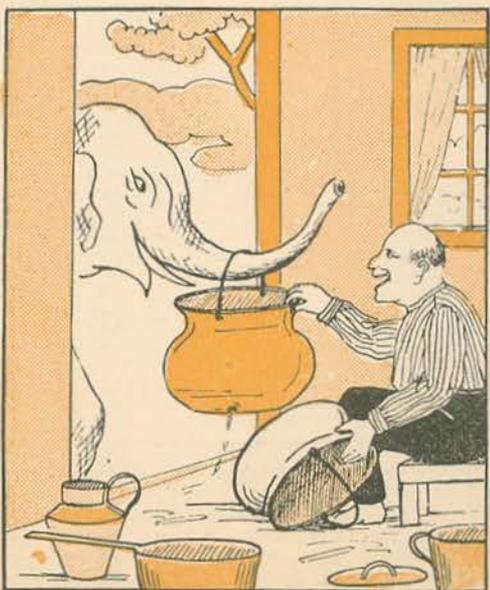
## A INTELIGENCIA DUM ELEFANTE



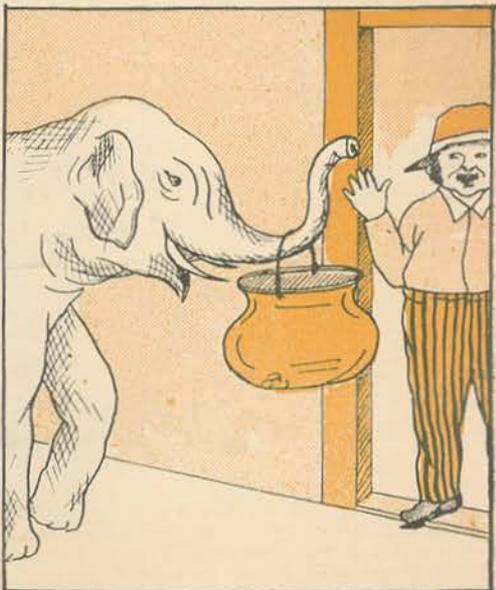
HOJE FICAS SEM SOPA, MEU VELHO, BEM VÊS QUE O TEU CALDEIRÃO ESTÁ ROTO!



MAS O ELEFANTE SABE MUITO BEM ONDE SE CONCERTAM OS CALDEIRÕES E VAE LEVAR O SEU AO TIO JOÃO...



QUE ACHA MUITA GRAÇA À ESPERTIZA DO ELEFANTE E TRATA LOGO DE AVIAR AQUELE GRANDE FREQUEZ.



E O DONO FICOU SABENDO QUE O AMIGO ELEFANTE NÃO GOSTAVA DE PASSAR UM SÓ DIA SEM A SUA SOPA



# ESFINGIA



Agradecen o e retribuindo  
ao Ex.<sup>mo</sup> colega Do 14

Vamos voltar á charada  
Bem simples e comelinha,  
Que não dê muita macada,  
Mas que seja engraçadinha:

Estavam jogando á bisca,  
Dona Mercedes e nora,  
E ao lado, Dona Francisca,  
La jogando ,or fóra. — 2

Esta, por fim, reparou — 1  
Que tinha havido batota,  
Pois que uma delas matou  
Um conde com uma sota!

E não se poudo conter,  
Sem que procurasse o sógro,  
Para em segredo dizer,  
Que tal coisa foi um lôgro!

Marcelo Monfort

## Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Enigma: Cravo.

Charadas em verso: Mafalda — Sna-  
pleco — Marvila.

Enigma pitoresco: A grão e grão en-  
che a galinha o papo.

Logogrifos: Caso — Benevolenci s.

\*

## ENIGMA

Quereis decifrar o enigma  
Sem maçada e num momento?  
Ide buscar á sciencia,  
Um cirurgico instrumento.

Instrumento que se escreve  
Com nove letras, não ma's,  
Sendo cinco as consoantes,  
E as outras quatro, vogaes.

Tercia quarta e mais oitava,  
E a nona a finalisar,  
E' rjjesa onde o conceito  
Muitas vezes tem de entrar.

A terceira, nona, oitava,  
E quarta em terminação,  
A dois cor os separados  
Vae fazer-lhes união.

A sexta, mais a primeira,  
Com mais quarta, e quinta á frente,  
Faz apetrecho de jogo,  
Em voga, presentemente...

Segunda, settima, quinta,  
E nona a finalisar,  
E' mul pequeno papel,  
Ou timbre p'ra autenticar.

Prima, segunda, terceira,  
Nona, quinta e mais a quarta,  
Para boa educação,  
Devia havel-as á farta...

Oitava, nona, terceira,  
Quarta e quinta, em conclusão,  
E' um sitio ou lugar,  
Com ou sem população.

O agli decifrador  
De saber e de talento,  
Encontra na solução,  
Um cirurgico instrumento.

Setubal

M. A. S.

\*

## CHARADAS EM VERSO

(sobre quadras populares, e dedicada  
a D. M... V. T. Soares)

O' agula que vaes tão alta — 2  
Por essas serras de além,  
Leva-me ao céu onde eu tenho  
A alma de minha mãe.

Tem teu nome cinco letras, — 3  
O Padre-nosso tem dez,  
Sobre teu nome eu resava  
Uma oração a teus pés...

Frei Tas

(Aos assíduos Dois Ilricos)

Uma nota musical — 1  
E mais pequeno animal — 2  
Podem formar o sentido  
Que se quer, nesta charada,  
Que depois d' decifrada  
Da-nos um sport conhecido.

Pinta Scenas

\*



\*

## QUADRO DE HONRA

Luclá Lima—Cayena—Alves Pe-  
reira—Os trez invencíveis—Dr.  
A. B. C.—Tiduj—1. Sifel—Dois  
Ilricos—Sobrac Sier—Juca de  
Barcelos — Sant'Ana — Dama  
Oculta—Esqj Sednaref—Dr. Sa-  
lolo—Di genes—Do 16—Club do  
Silencio — Gioconda — Ferraz,  
Ferrão & Ferreira—S. Pa o  
—Príncipe Ante — Seugirdor—  
Marco Lino—osta & Fonseca  
—Crespo V. A. Viana—Manuel  
Ferreira—Copristano

Campeões decifradores do pe-  
nultimo numero

## CHARADAS EM FRASE

Assustel-me ao vêr a crosta negra  
que tem o anclão, proveniente da  
picada deste insecto — 3 — 2.

Mourão

Liana

\*

Fôra do comum e... fôra do comum  
— 2 — 5.

Crespo e A. Viana

\*

A mira deste medico é transcendente  
2 — 3.

Jupiter

\*

## LOGOGRIFO

(A Dois Ilricos, autores do logogrifo  
publicado no n.º 898 da «Ilustração»,  
Sobre o mesmo soneto de João Rosado).

Ballavam no horizonte caprichosas,  
Listas quebradas de olro a desmaiar —  
21 — 10 — 3 — 11 — 22 — 18 — 5 — 4.  
E erravam pelos cé s. a soluçar.  
Baladas outoaes, tumultuosas. — 11 —  
20 — 13 — 6 — 15 — 10 — 16.

Alvas caricias, lentas, acordavam  
Peias arcadas do luar — nascendo;  
Lolros do meu olhar, amortecendo —  
1 — 2 — 8 — 14 — 17  
Em santas orações m quebrantavam  
— 19 — 4 — 1 — 3 — 22 — 8.

Um perfume distante amolecia — 22 — 9  
— 15 — 18.

Colorações de azul desvanecido  
Nas misteriosas curvas das estradas

E, emquanto a minha augustia entar-  
decla — 12 — 13 — 6 — 2 — 7.  
O sol la pintando, etern cido,  
Lindos vitraes nas ondas oglvadas.

Monção.

M. Gonçalves Ribeiro

(Majogorl)

## Indicações uteis

No proximo sabado sairão publica-  
das na Ilustração Portuguesa as decli-  
frações das produções inseridas neste  
numero.

— Toda a correspondencia relativa a  
esta secção deve ser enviada ao Se-  
culo e endereçada a José Pedro do  
Carmo.

— Ao director d'esta secção assiste o  
direito de não publicar produções que  
julgue imperfeitas.

— Só é conferido o Quadro de Honra  
a quem envle todas as decifrações exa-  
tas, que deverão ser entregues até cinco  
dias após a saída d'este numero, ás 16 ho-  
ras, na sucursal do Rocfo.

— Todas as produções devem vir escri-  
tas em separado e os enigmas pitores-  
cos bem desenhados em papel liso e tinta  
da China.

— Os originaes quer sejam ou não pu-  
blicados, não se restituem.